



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA
CAMPUS SÃO BORJA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANDREI DOS SANTOS DORNELLES

**Distinções na comunicação de temas sensíveis na comparação entre épocas:
Análise comparativa entre as séries *Friends* e *Brooklyn Nine-Nine***

**São Borja, RS
2022**

ANDREI DOS SANTOS DORNELLES

**Distinções na comunicação de temas sensíveis na comparação entre
épocas:**

Análise comparativa entre as séries *Friends* e *Brooklyn NINE-NINE*

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação social - Publicidade e Propaganda, pela Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Sausen Feil

**São Borja, RS
2022**

ANDREI DOS SANTOS DORNELLES

**DISTINÇÕES NA COMUNICAÇÃO DE TEMAS SENSÍVEIS NA COMPARAÇÃO
ENTRE ÉPOCAS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS SÉRIES *FRIENDS* E
*BROOKLYN NINE-NINE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Comunicação Social - Publicidade e
Propaganda da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Comunicação Social -
Publicidade e Propaganda.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Gabriel Sausen Feil

Orientador

UNIPAMPA

Prof.^a Dr.^a Merli Leal Silva

UNIPAMPA

Prof. Dr. Marcelo da Silva Rocha

UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **GABRIEL SAUSEN FEIL, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/03/2022, às 14:27, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCELO DA SILVA ROCHA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/03/2022, às 13:44, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MERLI LEAL SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/03/2022, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0758254 e o código CRC 839885EE.

AGRADECIMENTOS

Nessa página gostaria de agradecer aqueles que tornaram a finalização desta etapa da minha vida possível. Agradeço primeiro a minha família, meu pai, Maria e irmãos, Andressa e Alessandro, mas sobretudo a minha mãe, Marlene, pelo amor incondicional, incluindo no estranho momento em que foi minha professora na escola, mas que sempre esteve do meu lado e com quem eu amo assistir séries juntos enquanto tomo chimarrão, pois assim como aprendi com minha falecida avó, Cassilda, pode ser uma prova de amor, através do açúcar que colocava em meu mate quando criança, que simboliza o quanto ela adoçou a minha vida.

Eu gostaria também de agradecer a meu orientador, Gabriel Sausen Feil, por me acompanhar nesse processo e me deixar experimentar diferentes formas de trabalho, além dos professores Marcelo Rocha e Merli Leal, por fazerem parte de minha banca e da minha vida acadêmica, além de todos os professores que encontrei em minha trajetória.

Faço uma dedicatória especial a minha namorada Harumi Maeda, que divide todos os momentos, bons e ruins comigo, é a pessoa que faz com que eu me sinta mais forte e faça eu querer me desafiar e sair da minha zona de conforto cada dia mais. Com quem assisti *The good place* e que vai ser sempre a minha Eleanor, mesmo que eu jamais assuma ser o Chidi, divertida e sem papas na língua, que sempre fala o que pensa, não importa para quem. É quem dividiu o amor por design comigo e aparentemente agora eu amo também.

Finalizo, agradecendo meus amigos Luis Paulo Muller, que sempre ouviu meus desabafos e que ainda estou esperando para um açaí ou talvez um xis aqui em São Borja, Maria Clara Melgarecho, que me aproximei nas aulas de Agência e que apesar de às vezes tirar a minha paciência, é uma ótima amiga, Vanessa Mousil, que ama lugares abandonados, mas que também me faz rir com as coisas mais aleatórias possíveis, André Mattivi, que é um ótimo amigo apesar de elaborar um discurso para cada defesa de ideia, mesmo depois de já ter concordado com ele, Aline Seleprim, que me aproximei no fim da minha trajetória, mas que descobri ser uma pessoa incrível, de bom coração. Termina essa parte, citando meu amigo Ricardo Martins Godoy, que conheço desde os onze anos, quando foi meu colega na escola, além de ter sido meu colega na minha curta passagem no curso de jornalismo, agradeço a busca em me convencer a me mudar para Santa Maria e ter me convencido a experimentar o taekwondo, algo que nunca pensei em praticar antes, mas que descobri como algo incrível.

RESUMO

Nosso objetivo com esse trabalho é investigar de que forma os mesmos elementos são comunicados de forma diferente em épocas distintas e delimitados em duas diferentes categorias, sendo elas: (1) Sensibilidade masculina e (2) Diversidade sexual e familiar. Seleccionamos duas *sitcoms* de diferentes épocas, com diferentes crenças e formas de pensar determinadas pela sociedade, sendo elas: *Friends*, que foi ao ar de 1994 até 2004 e *Brooklyn Nine-Nine*, que foi ao ar de 2013 até 2021. Utilizando as categorias como guias, definimos nosso referencial teórico e criamos a análise comparativa através da metodologia de Análise de conteúdo, onde considerando o contexto de cada época criamos inferências, que nos levam ao contexto dessas épocas para entender suas diferenças, no pensamento da sociedade, abertura para comunicar certos tópicos e estratégias de criadores para comunicar esses assuntos.

Palavras-chave: Sensibilidades masculina, Diversidade sexual, Diversidade familiar, Comunicação.

ABSTRACT

The main research of this term paper has the goal of investigating how the same elements have been communicated differently out of their own timeline, dividing it into two categories: (1) Men's sensitivity and (2) Sexual Diversity and Family Diversity. We analyze two sitcoms that were developed over different eras, different beliefs and thoughts determined by society, *Friends* that was aired from 1994 till 2004 vs *Brooklyn Nine-Nine* aired from 2010 till 2021. Using our categories as a guide, we define our theoretical referentials and create a comparative through the content analysis method, around the context of each era we create inferences that lead us to specific context of both time lines and it's differences, the society way of thinking, the openness to communicate certain topics and strategies used by the creators.

Keywords: Men's sensitivity, Sexual Diversity, Family Diversity, Communication

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. O divórcio de Ross	26
Figura 2. Joey tenta motivar Ross	27
Figura 3. Ross volta a paquerar	28
Figura 4. Resposta sarcástica de Joey	28
Figura 5. Conselhos do pai do Ross	29
Figura 6. Ross tenta convencer Ben a largar a Barbie	30
Figura 7. Monica revela que Ross se vestia com as roupas da mãe	30
Figura 8. Joey beija Chandler	31
Figura 9. Ross e Joey se beijam	31
Figura 10. Os caras choram de forma escondida	32
Figura 11. Joey e Ross pagam no sono juntos	32
Figura 12. Ross e Joey julgados pela soneca	33
Figura 13. Joey vai fazer as sobancelhas	33
Figura 14. Chandler tentado a tirar sarro de Joey	34
Figura 15. Joey e Chandler enrolando os cílios	34
Figura 16. Ross com ciúmes do emprego de Rachel	35
Figura 17. Ross questiona a sexualidade de Sandy	36
Figura 18. Ross contrata um homem babá	36
Figura 19. Ross acha Sandy sensível demais	37
Figura 20. Ross começa a se abrir	38
Figura 21. Lembrança de Ross	38
Figura 22. Ross chora nos braços de Sandy	39
Figura 23. Menina Chandler	39
Figura 24. Chandler pede uma cerveja para mostrar ser hétero	40
Figura 25. Chandler defende Monica ficar em Nova Iorque	40
Figura 26. Despedida emocionada de Chandler e Joey	41
Figura 27. Conversa emocionada entre Chandler e Joey	41
Figura 28. Chandler é um homem sustentado	42
Figura 29. Discussão sobre o sobrenome do filho de Ross	46
Figura 30. Introdução a um novo modelo de família	46
Figura 31. Ross e Susan acalmam Carol	47
Figura 32. Ross e Susan discutindo	48
Figura 33. Phoebe reflete sobre a família de Ben	48
Figura 35. Camiseta das mães de Ben	49
Figura 36. Apresentando o casal Frank e Alice	50
Figura 37. Alice tenta romper com Frank	50
Figura 38. Frank descobre que será pai	51
Figura 39. Tia Phoebe	51
Figura 40. Monica em dúvida entre o pronome correto	52
Figura 41. Primeira aparição do pai de Chandler	52
Figura 42. Monica chocada ao ver o pai de Chandler pela primeira vez	53
Figura 43. Chandler utiliza uma palavra no feminino para se referir a seu pai	53
Figura 44. Terry com martelo na mão construindo um castelo	58
Figura 45. A casinha de bonecas de Charles	59
Figura 46. Terry frustrado com o castelo de princesas	59
Figura 47. A delegacia de princesas de Charles	60

Figura 48. Habilidades delicadas de Charles	61
Figura 49. Peralta confronta Brogan	62
Figura 50. Jake escolhe não recorrer a violência	62
Figura 51. Jake defende seu capitão de falas homofóbicas	62
Figura 52. Conselho de Boyle para Rosa	63
Figura 53. Rosa começa a demonstrar o que sente	63
Figura 54. Jake conta a Amy que beijou Holt	64
Figura 55. Jake comenta que Holt tem lábios macios	64
Figura 56. Jake apoia a promoção de Amy	65
Figura 57. Charles escolhe ficar com o filho	65
Figura 58. Relato de Terry sobre seus cuidados com as filhas	66
Figura 59. Terry chora no interrogatório	66
Figura 60. Terry e detento dão as mãos	67
Figura 61. Terry lê o discurso para Gina e Holt	67
Figura 62. Holt revela o motivo da demora para ter seu próprio comando	71
Figura 63. Peralta se frustra e afirma não ser um bom detetive	71
Figura 64. Falta de emoção na felicidade de Holt	72
Figura 65. A feição de felicidade de Holt	72
Figura 66. Foto na estante de Kevin e Holt	73
Figura 67. Relato de Kevin sobre preconceito sofrido	74
Figura 68. Brinde Kevin e Holt	74
Figura 69. Jake e Holt se beijam	75
Figura 70. Xerife sobre ter interrompido o beijo de dois homens	75
Figura 71. Declaração de Kevin para Holt	76
Figura 72. “Papai Gintar”	77
Figura 73. Charles fala sobre a adoção de Nicolaj	78
Figura 74. Holt tenta convencer Rosa a não fugir	78
Figura 75. Rosa fica por sua família	79
Figura 76. Os detetives descobrem o que Holt fez por eles	80
Figura 77. A Nine-Nine como uma equipe	81
Figura 78. Rosa se assume bissexual	82
Figura. 79 A aceitação do pai de Rosa	82

SUMÁRIO

1 Introdução	11
1.1 Apresentação do objeto bruto	13
1.2 Apresentação do objeto problematizado	13
2 Metodologia	15
2.1 Análise de conteúdo	15
2.3 Pesquisa bibliográfica	16
3 Revisão teórica	17
3.1 Sensibilidade masculina	17
3.2 Diversidade familiar e sexual	19
4 Análise	25
4.1 Friends	25
4.1.1 Sensibilidade masculina	26
A) Descrição da cenas	26
B) Síntese	42
4.1.2 Diversidade sexual e familiar	45
A) Descrição das cenas	45
B) Síntese	54
4.2 Brooklyn Nine-Nine	57
4.2.1 Sensibilidade masculina	58
A) Descrição das cenas	58
B) Síntese	68
4.2.2 Diversidade sexual e familiar	70
A) Descrição das cenas	70
B) Síntese	83
4.3 Síntese comparativa	85
4.3.1 Sensibilidade masculina	85
4.3.2 Diversidade sexual e familiar	87

5 Considerações finais	90
REFERÊNCIAS	93

1 Introdução

Alguns temas tendem a ser comunicados tanto através de produções televisivas quanto de streaming e continuam sendo pautados através da passagem do tempo, ou seja, um elemento retratado em um seriado de televisão dos anos de 1990 pode voltar a ser retratado nos anos de 2020. No entanto, a forma que ele é comunicado muda, talvez acompanhando a mudança de pensamento da sociedade.

Com este trabalho, então, buscamos investigar de que forma o mesmo tema pode ser comunicado de forma distinta em épocas diferentes. Para alcançar esse objetivo, realizamos uma análise comparativa entre duas séries televisivas de um mesmo gênero separadas por alguns anos de diferença, sendo as obras escolhidas *Friends*, exibida entre 1994 e 2004, e *Brooklyn Nine-Nine*, exibida entre 2013 e 2021.

Para realizar tal análise, escolhemos dois temas presentes em ambas as produções, sendo eles: (1) Sensibilidade masculina e (2) Diversidade sexual e familiar. Escolhemos tais temas devido ao fato de estarem, de alguma forma, relacionados entre si; e devido a se tratarem de pautas sensíveis. Em um momento pré análise, discorreremos sobre cada um dos temas tratados, introduzindo-os ao trabalho, trazendo sua importância para o debate social, além de trazer alguns exemplos de críticas já realizadas sobre esses mesmos temas em outras produções audiovisuais. Talvez possamos, com este trabalho, gerar uma reflexão acerca dos assuntos tratados ao nos debruçarmos sobre a forma que os mesmos são comunicados.

Nosso trabalho tem potencial de se mostrar socialmente relevante no sentido de que a análise pode nos ajudar a compreender a mudança de pensamento em uma sociedade, a mudança de pautas sociais de uma época para a outra e como alguns assuntos podem ser comunicados de forma mais explícita ou implícita com alguns anos de diferença.

Os temas escolhidos se mostram relevantes por serem tópicos tratados na sociedade e que seguem em constante mudança. Talvez possamos mostrar que a ação comunicacional conta com diretrizes diferentes de uma época para a outra. Por exemplo, nos anos 1990, determinado tema precisava de discrição para ser comunicado; nos anos 2020, tal tema pode estar tão explícito que pode ser comunicado de maneira aberta. Um exemplo inverso facilmente observado é que na época da exibição original de *Friends* a política não estava em um momento sensível e, pela mudança de contexto, passou a estar, sendo atualmente necessário um maior cuidado em relação a isso. Por fim, ambos os temas escolhidos se mostram presentes nas séries escolhidas, podemos citar Venturin e Longhitano (2020), que discutem o tema diversidade sexual em *Brooklyn Nine-Nine* ao analisar o momento em que a

personagem Rosa Diaz assume sua bissexualidade. Para estes autores, a personagem não é confusa em relação à sua sexualidade, quebrando este estereótipo atribuído a pessoas bissexuais ou de a bissexualidade se tratar de uma fase. Em seu trabalho, Marshall (2007), sugere que os personagens em *Friends* podem ser caracterizados como uma forma alternativa de família. Para a autora, a produção traz um exemplo de seis jovens que formam um sistema de suporte para além de sua família nuclear.

Nosso trabalho também pode ser relevante para o profissional de Publicidade e Propaganda, pois pode auxiliá-lo a entender a mudança na abertura para comunicar certos temas em seus trabalhos ao longo de sua carreira, além de ajudá-lo a entender que em alguns casos há a necessidade de reposicionamento de uma marca baseada em uma mudança de contexto social. Um exemplo que podemos citar de mudança de abertura para comunicar algo são os comerciais de cerveja exibindo imagens objetificadas do corpo da mulher e que costumavam ser comuns alguns anos atrás, o que atualmente é problematizado por parte do público. Segundo Frankental (2016), muitas marcas mostram uma mudança de posicionamento, onde rejeitam uma imagem estereotipada da mulher e passam a retratar este público de uma forma diferente. Segundo Sousa, Aquino e Melo (2017), com a chegada das novelas na televisão, nos anos de 1950 as pessoas passaram a copiar cortes de cabelos e hábitos. Ainda segundo estes autores, na atualidade, as séries passaram a também fazer parte da construção da identidade e temas envolvendo questões sociais, políticas e culturais são tratados em algumas produções. Nossa escolha por seriados estadunidenses se justifica devido ao alcance internacional de ambos, incluindo o alcance no Brasil. Sobretudo de *Friends*, considerada uma série clássica de humor.

Ainda em relação à relevância do trabalho, destacamos, por fim, seu potencial acadêmico: há um ineditismo na análise comparativa envolvendo produções de diferentes épocas e levando em consideração mais de um tema. Além disso, há a necessidade de mais estudos que deem conta de analisar como estes assuntos, considerados sensíveis, são retratados pela mídia, sobretudo, no entretenimento. Segundo Gomes (2015), a mídia é um espaço de visibilidade e problematização da vida contemporânea. Ao analisarmos a forma que estes dois seriados comunicam os temas selecionados, podemos gerar uma reflexão sobre quem somos como sociedade e como tratamos determinados assuntos, pois a abertura para esta comunicação está diretamente ligada à aceitação da sociedade em conversar abertamente ou não sobre isso.

1.1 Apresentação do objeto bruto

Nosso objeto de pesquisa é a mudança na forma como um mesmo tema pode ser comunicado em épocas diferentes. Segundo Poesel (2018), diferentes sociedades possuem diferentes sistemas de mídia com diretrizes distintas e a forma como são organizadas influencia o funcionamento da sociedade. O autor ainda descreve os meios de comunicação em massa como motores de produção cultural. “Eles produzem entretenimento que nos ajuda a definir quem somos como pequenos e como grandes grupos de pessoas¹” (POESEL, 2018, n.p. tradução nossa).

Para exemplificar uma produção que teve sua comunicação alterada com o tempo, podemos citar o exemplo da remoção do catálogo da plataforma de streaming HBO max do filme *O vento levou*, lançado em 1939 e dirigido por Victor Fleeming. A remoção aconteceu pelo fato de o filme ser acusado de possuir elementos racistas. Ainda que isso não exima o produto de crítica, tais elementos podem nos ajudar a entender como funcionava a mentalidade da época em questão. Produção que, segundo o portal History (2021), foi premiada com oito estatuetas do Oscar no ano seguinte. O filme foi retirado temporariamente do catálogo e retornou com uma introdução onde contextualiza e aponta as possíveis retratações racistas no filme. A remoção aconteceu em um contexto onde, na sociedade estadunidense, o direito da população negra passou a estar fortemente em pauta, sendo o filme, após sua remoção temporária, descrito pela plataforma como um produto do seu tempo e que reproduz preconceitos étnicos e raciais, que têm sido comuns na sociedade estadunidense. Sendo este um evento onde se pode perceber como o contexto específico de épocas interfere na sua comunicação, pois é um filme que, em sua época, comunicou elementos que, no ano de 2020, já não são mais aceitos por determinados discursos sociais e onde a voz pelos direitos da população negra é mais ouvida do que na época em que o filme foi originalmente veiculado.

1.2 Apresentação do objeto problematizado

Queremos, com este trabalho, investigar de que forma pautas sociais podem ser abordadas de formas diferentes por épocas distintas. Pode ser que, através disso, entendamos parte do pensamento de cada uma das duas sociedades em que os seriados analisados estão inseridos. Através desta análise, buscamos identificar diferenças nos padrões de pensamento

¹ Original: “They make the entertainment that helps us define who we are as large and small groups of people”.

da época, a forma que os criadores podem encontrar de trazer o assunto de uma maneira que possa ser vinculada em seu tempo, pois lembramos que se tratam de dois seriados que dependem da aceitação do público para estar no ar e, por fim, analisar de que forma estes seriados podem nos ajudar a entender o pensamento de cada uma das sociedades em questão. Apesar de estarmos nos utilizando de duas séries específicas, a mesma análise poderia também ser realizada com outros corpus. Para termos uma homogeneidade na análise, escolhemos duas séries pertencentes ao mesmo gênero, para que assim seja possível traçar melhor uma comparação entre elas. Buscamos, dentro destes seriados escolhidos, a presença dos elementos que estão sendo analisados. Através disso, podemos realizar uma análise comparativa entre as duas diferentes épocas, ao menos no que diz respeito ao modo como esses seriados comunicaram-se com o público.

Ambas as séries pertencem ao gênero *Sitcom*, que, segundo o portal *minhaseriefavorita* (2021), trata-se de uma abreviação da expressão *situation comedy*, que significa em sua tradução livre “comédia de situação”, sendo um termo usado para designar um seriado que acompanha o cotidiano de pessoas comuns e apresentar estas situações de forma divertida.

2 Metodologia

2.1 Análise de conteúdo

Utilizamos a metodologia de Análise de conteúdo que, para Krippendorf (1990, p . 29 *apud* FONSECA JÚNIOR 2005, p. 284), “é uma técnica de investigação destinada a formular a partir de certos dados, inferências válidas e reproduzíveis que podem ser aplicadas a seu contexto”. Com isso em mente, realizamos uma análise comparativa entre duas séries de épocas distintas, neste caso *Friends*, veiculada entre 1994 e 2004, e *Brooklyn 99*, veiculada de 2013 até 2021. Temos o intuito de formular inferências, levando em consideração os contextos estudados, ou seja, inferimos com base no contexto de cada época analisada e mudança de contexto. Tratando-se neste caso de inferências específicas, o que, segundo Fonseca Júnior (2005), diz respeito à situação específica do problema investigado.

No caso do nosso trabalho, estamos analisando temas específicos através de uma categorização. A categorização dos dados “consiste no trabalho de classificação e reagrupamento, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade” (FONSECA JÚNIOR, 2010, p. 298). Dividimos os dados em diferentes categorias, tratando-se do que Bardin (1988 *apud* FONSECA JÚNIOR 2010), classifica como uma categorização semântica, onde dividimos em temas a serem analisados. Dividimos a análise em três diferentes momentos, inicialmente fazendo a análise apenas referente a série *Friends*, após isso passamos a uma análise da série *Brooklyn Nine-Nine* e finalizamos realizando uma análise comparativa entre as duas.

2.2 Categorias

Dividimos nossa análise em duas diferentes categorias temáticas, sendo elas: (1) Sensibilidade masculina e (2) Diversidade sexual e familiar. Escolhemos tais temas devido a sua similaridade e por estarem de alguma forma relacionados entre si, por terem relação com os papéis que os indivíduos recebem na sociedade com base em seu gênero e a família se relaciona nesta categoria pelo fato de ser, segundo Corrêa (2019), onde se inicia a socialização do indivíduo. Consideramos se tratarem de temas sensíveis pelo fato de serem temas que costumam ter uma certa resistência por parte da sociedade e nem sempre ser possível comunicá-los livremente.

Trazemos diferentes autores para cada uma das categorias tratadas, iniciamos com o tema (1) Sensibilidade masculina e trazemos os autores Connell (2005), Oliveira (2007), Fuller (1997), Byington (2009), dentre outros; e, no tema (2) Diversidade sexual e familiar, trazemos Leandro (2006), Corrêa (2019), Walsh (2016), Abraham (2017), Ferrão, Coacci e Carvalho (2019), Foucault (1998), dentre outros.

2.3 Pesquisa bibliográfica

Fazemos uso de pesquisa bibliográfica para realizar a fundamentação teórica, que, segundo Stumpf (2010), trata-se do planejamento inicial de qualquer trabalho acadêmico, envolvendo a localização e identificação da bibliografia pertinente sobre o assunto. Ainda segundo a autora, esta etapa se inicia com a formulação do problema, seguindo até a formulação dos resultados.

Devido à particularidade de nosso trabalho, a metodologia é o que leva à teoria, pois definimos nossa fundamentação teórica a partir dos temas abordados. Realizamos a escolha de nossas referências teóricas a partir dos termos de cada categoria investigada, sendo realizada uma busca partindo destas nomenclaturas para se averiguar o que já se foi pesquisado sobre o assunto.

3 Revisão teórica

3.1 Sensibilidade masculina

Segundo Leandro (2006), no conceito original de família, o poder era concentrado nas mãos do homem, que tinha autoridade sobre a mulher, filhos e criados. Sendo uma estrutura hierárquica onde o homem chefe de família está no topo, acima da mulher e dos filhos. Segundo Connell (2005), o termo patriarcado ganha força por volta dos anos de 1970 para descrever um sistema de dominação. Ainda segundo Connell (2005, p. 82), “a relação de gêneros é formada e transformada através do tempo”. “A masculinidade hegemônica é culturalmente ligada à ideia de autoridade e racionalidade, duas palavras-chave na legitimação do patriarcado²” (CONNELL, 2005, p. 90). Para Vicente e Souza (2006, p. 5), “apesar da coexistência de diversas formas de vivenciar a masculinidade, não podemos ignorar a existência de um modelo que pode ser considerado hegemônico”. Sendo assim, percebemos que a construção de uma masculinidade hegemônica não é imutável e cada tempo apresenta a sua, apesar de não podermos deixar de considerar a existência de diversas masculinidades coexistindo.

Segundo Oliveira (2007), a palavra “masculinidade” tem origem no século XVIII em um momento em que se busca uma diferenciação científica entre os sexos. Ele afirma que a palavra tem origem na palavra em latim *masculinus*. Segundo ele, comportamentos tidos como tipicamente masculinos se tratam de complexas construções sociais. Para este autor, no essencialismo ocidental, o homem é apresentado como provedor, protetor de mulheres e crianças, mas existem também outros atributos frequentemente atribuídos a ele.

Assim a propensão de competição com os outros homens, o prazer de correr riscos, o impulso natural a tomar iniciativas de encontros sexuais, a cautela e moderação na expressão de sentimentos, integrariam ao lado de outras características, a base essencial que justificaria a existência de contextos sociais e situações específicas como a maior influência dos homens em relação às mulheres, na vida social e política, e constante necessidade de reafirmação da masculinidade, a experiência do prazer na realização de práticas violentas (esportivas ou não, etc). (OLIVEIRA, 2007, p. 151-152).

A partir desse fragmento podemos perceber como os homens são socialmente levados a provar suas características masculinas perante a sociedade, de forma a reprimir seus

² Original: “Hegemonic masculinity is culturally linked to both authority and rationality, key themes in the legitimation of patriarchy”.

sentimentos e de buscar passar uma imagem tida como viril para ser reconhecido como homem. Esse trecho nos mostra como os papéis naturalizados na nossa sociedade são baseados no gênero do indivíduo. Sendo a ciência, sobretudo a biologia, utilizada para transmitir ideias de uma superioridade masculina e onde o gênero de nascimento ditaria o que cada um seria e suas características. A neurociência é uma área utilizada para propagação de tais ideias, sendo esta prática chamada de Neurosexismo dentro desta área, o que, segundo Rippon (2016), se trata de uma alegação onde o cérebro masculino e feminino são diferentes, propagando a ideia de que certas diferenças entre gêneros é algo natural. Segundo ela, esta ideia é utilizada para defender a inferioridade da mulher em relação ao homem e também para defender aptidões baseadas no gênero do indivíduo, principalmente, para afirmar que mulheres são inaptas para certas coisas. “Isso tem se sustentado pelo credo em um ‘determinismo biológico’ - a ideia de que diferenças biológicas definem as ordens naturais das coisas, a interferir sob risco da sociedade” (2016, n.p).³ Essa ideia implicaria em o sujeito não ter escolha de qual área seguir ou até mesmo de se permitir ser diferente daquilo que seria o modelo padrão para o seu gênero de nascimento, afetando inclusive na escolha da profissão a seguir.

Fuller (1997) classifica a relação entre homens e mulheres como uma espécie de relação de poder; e onde o gênero que o indivíduo nasce acaba influenciando as expectativas da sociedade sobre ele.

As identidades de gênero não apenas expressam as concepções próprias de uma cultura e de uma época, como também atuam como legitimadoras de certas relações sociais de poder. Pelo fato de ser etiquetado como homem e mulher, cada sujeito é colocado dentro de uma categoria social: a feminina ou a masculina que correspondem a papéis, direitos, obrigações, etc. (FULLER, 1997, p. 20⁴).

Esse trecho nos mostra como os papéis naturalizados na nossa sociedade são baseados no gênero do indivíduo. Segundo Byington (2009), a sensibilidade masculina é reprimida em decorrência da função dada ao homem na família e na organização social da família patriarcal, sendo que, nas funções atribuídas, estão o poder social, a competição profissional para prover a família, o exército e a guerra, enquanto a mulher tem função de cuidar da casa e dos filhos, sendo a encarregada de transmitir afeto para eles. Segundo o autor, o homem não

³ Original: “This has been underpinned by a belief in “biological determinism” – the idea that biological differences reflect the natural order of things, to be meddled with at society’s peril”.

⁴ Original: “Las identidades de género no sólo expresan las concepciones propias de una cultura y de una época, sino que actúan como legitimadoras de cierto tipo de relaciones sociales de poder. Por el hecho de ser etiquetado como hombre o mujer, cada sujeto es colocado dentro de una categoría social: la femenina o la masculina a la que corresponden papeles, obligaciones, derechos, etc”.

poderia ter características tidas como femininas ou homossexuais, sendo esta busca de distanciamento o motivo para que o homem repreenda seus sentimentos.

A distância da alegria também é marcante porque o homem patriarcal é sisudo, emburrado, e vive com raiva, devido a todo poder que amealhou. Some-se a isso a frustração e a inveja defensiva da imensa sensibilidade que está proibido de ter e que observa de longe na mulher e nos *gays*, e nos damos conta de que ele é assim tão sério porque é infeliz (BYINGTON, 2009, p. 64).

Nisso percebemos como o poder do homem na sociedade patriarcal o leva a oprimir parte de sua personalidade. O autor ainda nos traz que a palavra *gay* em seu idioma original, o inglês, tem relação com a alegria, característica que o homem patriarcal se priva de ter. Segundo Byington (2009), o que o homem homossexual e a mulher tem em comum é justamente a possibilidade de demonstrar sentimentos. Ao discorrer sobre a área da psicanálise, o autor ainda afirma que Jung, um dos nomes mais conhecidos da área, aponta a parte sensível do homem como seu lado feminino e não como uma parte de sua masculinidade. Com isso, vemos como mesmo ao defender a existência de um lado sensível ao homem, esta característica segue muitas vezes conectada a algo da mulher. Podemos levar em conta que Jung é um autor do século XIX e XX, mas, ao olharmos a sociedade atual, podemos perceber que essa é uma visão muito presente, inclusive por parte de pessoas que defendem a existência da sensibilidade nos homens.

3.2 Diversidade familiar e sexual

Segundo Leandro (2006), o conceito de família surge na Roma antiga, derivada da palavra *famulus*, sendo utilizada para se referir a todos que vivem na mesma casa, incluindo escravos e servidores. Sendo uma estrutura em que o homem tinha autoridade sobre a mulher, os filhos e os criados.

Para Corrêa (2019), na Roma antiga, a ideia de família era baseada na ideia de autoridade, sendo considerada família todos aqueles que se submetem ao mesmo chefe. A mesma autora afirma ainda que “por ser a família a responsável pela socialização primária do indivíduo, ela reproduz os papéis sociais determinados pelas demandas de organização da sociedade” (p. 30-31). Segundo ela, a família passou por uma transformação desde a Idade Média e a contemporaneidades. Segundo ela, na Idade Média a criança era considerada como um mini adulto e era útil de acordo com suas possibilidades físicas e com isso o filho mais velho carregava mais importância. A autora ainda afirma que, na atualidade, a família tem a

função pela socialização primária da criança; sendo assim, podemos considerar esta instituição responsável pela internalização de valores que estão impregnados na sociedade, incluindo a própria ideia do que seria uma normalidade familiar.

Considerando que o indivíduo se constitui no decorrer de suas próprias vivências, o modo como o sujeito assimila o mundo expressa sua maneira de perceber sua realidade e de a ela responder. Nesse sentido, ambos indivíduo e contexto social relacionam-se mutuamente. Todavia, na medida em que estabelece a distinção entre si e a realidade, o homem começa a ter consciência de suas possibilidades como ser e como parte de uma coletividade, num processo de individualização que se institui componente de um todo, mas resguarda a autonomia (CORRÊA, 2019, p. 13).

Podemos perceber, a partir disso, como a visão do indivíduo é constituída pelo meio que está inserido, sendo a família o meio inicial de inserção do mesmo na sociedade, gerando influência em seu comportamento, visão da realidade e de sua própria concepção de normalidade, incluindo no que diz respeito à configuração familiar.

Segundo Walsh (2016, p. 22), “nas últimas décadas as famílias têm estado em transformação com as crescentes diversidades e complexidades na estrutura, papéis de gênero e orientação sexual, constituição multicultural, condições socioeconômicas e padrões do ciclo vital”. Para ela, definir um padrão de normalidade familiar é problemático, pois isso depende da posição subjetiva do observador e da cultura em que está inserido, sendo o termo “normal” usado para definir conceitos muito diferentes.

Segundo Wazlawick (2017, p. 27), “O conceito de família ao passar dos anos tornou-se mais subjetivo, pois devemos levar em consideração todos os fatores envolvidos por quem os conceitua”. Segundo ela, a família é um sistema complexo e de difícil conceituação e deixou de ser definida por fatores sanguíneos e passou a ser definida por questões de afeto. Sendo assim, a família com pai, mães e filhos abre a possibilidade para diferentes e mais complexos modelos. A autora ainda afirma que diferentes configurações familiares sempre existiram. No entanto, se tornaram mais perceptíveis no século XXI.

Segundo Pinto (2019), o conceito de família é dinâmico e muda de forma constante ao passar do tempo. Para Faria (2011 *apud* PINTO 2019), no decorrer dos dois últimos séculos, foram identificadas novas formas de família e surgidas novas nomenclaturas, tais como família nuclear e monoparental.

Segundo Abraham (2017), famílias multiparentais possuem estruturas diversas, podendo se tratar de uma família homoafetiva, mas também heterossexual, sendo citado por ele o exemplo de famílias que são formadas através de reprodução assistida. O autor nos traz alguns exemplos de configurações familiares formadas de tal forma, como, por exemplo, um

casal de mulheres homossexuais que geram um filho através de inseminação artificial, com o pai tendo papel ativo na criação do filho. Em seu trabalho, ele discorre sobre os principais argumentos utilizados com intuito de contestar o modelo multiparental e destacamos aquele que consideramos mais utilizado na sociedade, que se trata da proteção ao modelo de família tido como tradicional. Segundo esta alegação, o reconhecimento do modelo multiparental poderia ameaçar a hegemonia do modelo tradicional, retirando sua autonomia e sendo alegado que uma corte poderia forçar um pai adicional para a família. Ele contesta esse argumento, afirmando que a sobrevivência da família “tradicional” não depende da não existência de modelos diferentes e ainda afirma que talvez não seja válido manter o ideal de família “tradicional”, sendo lembrado por ele que muitas crianças vivem fora de uma família nuclear ou com apenas dois pais, se tratando portanto de um ideal que não é reforçado pela vida real. Outro argumento contrário que o autor traz e destacamos é o relativo ao bem estar da criança, que, segundo este argumento, estaria comprometido. No entanto, Abraham (2017) ressalta que esta ideia está baseada no pressuposto de que uma família multiparental será necessariamente disfuncional e de que a família heteronormativa proporcionará sempre uma melhor condição de crescimento para a criança.

Em relação ao caráter legal, segundo Paiano (2016), o direito da família vem se alterando com base nas transformações vividas na sociedade. Segundo ela, deixa-se o modelo patriarcal e se adota um modelo baseado no afeto e não mais na proteção do patrimônio. A autora afirma que, com base na constituição de 1988, hoje admite-se uma pluralidade de família, com o objetivo do bem-estar de seus membros. No entanto, ela faz a ressalva de que para algumas situações não existem normas prontas.

Em relação a uma família onde a mulher é mais velha do que o homem, se trata de um tabu na sociedade.

O machismo estrutural acaba influenciando para que as pessoas vejam com mais naturalidade o homem mais velho com uma mulher mais nova. Como se ele pudesse oferecer maior possibilidade de "cuidar" da mulher. Por outro lado, mulheres mais velhas com homens mais novos, podem sofrer com olhares e comentários preconceituosos, talvez esse seja o impacto mais visível (CARVALHO *apud* SIMONE, 2020, np).

A partir da citação acima podemos perceber como o pensamento presente na sociedade de que o papel do homem é de cuidar e proteger a mulher acaba afetando diferentes pessoas nos mais diferentes níveis, nesse caso específico, principalmente a mulher, mas também o homem que decide se relacionar com esta mulher mais velha. Um caso que

podemos citar é uma troca de farpas entre o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro e seu colega francês, Emmanuel Macron, onde um internauta faz uma piada se dirigindo a Macron por ser casado com uma mulher mais velha que ele. Essa piada recebeu suporte de Bolsonaro, porém, o brasileiro é casado com uma mulher dezessete anos mais jovem do que ele, enquanto o francês é casado com uma mulher vinte e dois anos mais velha, ou seja, diferenças de idade semelhante, se tratando de uma clara demonstração que um casal onde o homem é mais velho não é encarado da mesma forma onde a mulher é mais velha.

Segundo Foucault (1999), no início do século XVII se tinha uma certa franqueza em relação ao sexo. Segundo ele, os códigos de grosseria, obscenidade e decência eram frouxos se comparados às normas do século XIX. “A sexualidade é então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. O casal, legítimo e procriador dita a lei” (p. 9). Sendo assim, observamos que a norma passa a ser o casal hétero e com a finalidade de reprodução.

Em relação especificamente à liberdade sexual feminina, Corrêa (2019, p. 64) aponta que, “No patriarcado, a liberdade sexual feminina sempre foi vista como ameaçadora; culturalmente os prazeres do feminino com o próprio corpo foram julgados e mal vistos socialmente”. Sendo, portanto, uma demonstração de uma maior repressão sexual em relação a mulheres em comparação a homens.

No textos do século XIX existe um perfil-tipo homossexual ou do invertido: seus gestos, sua postura, o modo como se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões de seu rosto, sua anatomia, a morfologia feminina fazem, regularmente, parte desta descrição desqualificadora; a qual se refere, ao mesmo tempo, ao tema de uma inversão de papéis sexuais e ao princípio de um estigma natural dessa ofensa a natureza; seria de acreditar-se, diziam, que, “que a própria natureza se fez cúmplice da mentira sexual (FOUCAULT, 1998, p. 21).

Percebemos, então, como a imagem estereotipada do homossexual, sobretudo do *gay*, é o de menosprezo, não apenas a ele, mas também às mulheres, pois a forma utilizada para o menosprezar é o de aproximar à ideia daquilo que seriam características femininas. Segundo pesquisa levando em consideração 23 países, citada por Fitzsimons (2020) em matéria para o portal NBC News, lésbicas possuem uma maior aceitação do que *gays* ao redor do mundo. Segundo Kite e Whitley junior (1996), existe uma maior rigidez em relação a expectativa de comportamento dos homens do que das mulheres e segundo Thompson (1985 *apud* KITE e WHITLEY JUNIOR 1996), é esperado que homens evitem traços femininos e *gays* em particular são apontados como indivíduos que estão se desviando dos papéis destinados ao

seu gênero. Com base nisso, consideramos que para o homofóbico, o *gay* está abdicando de seu papel de homem perante a sociedade. Podemos relacionar essa situação com as ideias de Connel (2005); segundo ele, a masculinidade hegemônica é tida exclusivamente como heterossexual e a homossexualidade significaria uma quebra de masculinidade. Ainda segundo o autor, o termo “homofobia” surge nos anos de 1970, como forma de descrever a experiência de rejeição e abuso de homens gays praticados por homens heterossexuais.

Segundo Ferrão, Coacci e Carvalho (2019), a homofobia tem efeito de coerção sobre o comportamento e de lembrete do que acontece com aqueles que fogem da heteronormatividade. Segundo eles, a letra L, representando as mulheres lésbicas, vir primeiro na sigla LGBT⁵, atualmente LGBTQI+, tem como objetivo expor as hierarquias denunciadas por muitas mulheres, colocando a experiência destas em primeiro plano. “A homofobia tem efeito de coerção sobre o nosso comportamento, de lembrete sobre as consequências de ‘sair da linha’ de coerência heteronormativa” (FERRÃO; COACCI; CARVALHO, 2019, p. 201).

Ainda segundo os mesmos autores, a LGBTfobia pode ser percebida em nível individual e institucional. Ao discorrer sobre o assunto, Ferrão, Coacci e Carvalho (2019, p.201) afirmam que a homofobia “Tem como objetivo manter a ordem social e expectativa sobre os comportamentos, podendo se materializar de formas mais ou menos sutis, oferecendo o entendimento de que os sujeitos são culpados pelas próprias violências que sofrem”. Podemos nos apropriar deste trecho e estender às demais variações de LGBTfobia.

Segundo Thompson (2019 *apud* GAUCHAZH 2019), anteriormente a 1969, os personagens LGBTQI+⁶ eram meras caricaturas ou então eram vilanizados. Na mesma entrevista, ele cita uma reportagem intitulada *The homosexuals*, de 1967, onde a homossexualidade foi retratada como doença. O portal segue falando da forma de tratamento dada pela televisão estadunidense à classe LGBTQI+ e cita o *Television code*, uma espécie de guia oficial dos bons costumes, implantado em 1952, onde proibia explicitamente qualquer referência à sexualidade que não fosse a heteronormativa. Sendo esse texto apenas suprimido em 1983. Segundo o portal, os personagens se tornaram mais presentes nas produções a partir da década de 1980. Em fevereiro de 2001, *Buffy, a caça-vampiros* exhibe um beijo lésbico, algo inédito para uma série de sucesso. O público se mostra mais aberto a essa diversidade sexual, o que permite que um setor da audiência se sinta representado pela primeira vez”. O

⁵ LGBTQI+, sigla utilizada para definir diferentes sexualidades, sendo elas Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais e + inclusão de outras orientações sexuais ou gêneros.

⁶ A sigla utilizada no texto original é LGBTI+, no entanto, para nosso trabalho, optamos por LGBTQI+.

portal ainda traz um panorama da representatividade LGBTQI+ na televisão, onde, em 2007-08, 1,1% dos personagens recorrentes pertenciam a esta classe. No entanto, em 2018-19, esta porcentagem subiu para 8,8%.

O portal ainda afirma que a presença da primeira protagonista homossexual de uma série aconteceu em 1997, Ellen, interpretada por Ellen DeGeneres. Segundo o portal, após a personagem se assumir, o programa perdeu patrocinadores e sofreu boicote de grupos religiosos, porém, recebeu reações positivas que impulsionaram o movimento.

No cinema, o primeiro beijo homossexual aconteceu em 1927, no filme intitulado *Asas*. Segundo Russell (2021), é um filme de drama e guerra que acompanha dois pilotos da força aérea, Jack e Dave, onde os dois lutam pela atenção de uma mulher, porém, acabam descobrindo os sentimentos um pelo outro. No entanto, a relação dos dois recebe o nome de “amizade”. O autor afirma que, nos anos de 1920 e 1930, se pode ver pequenos progressos em relação aos direitos gays, porém, este progresso é cessado devido a opressão praticada por regimes autoritários, como o fascismo.

Em relação à diversidade familiar retratada, podemos citar o estadunidense *The Fosters*, que acompanha uma família com duas mães, onde ambas são mães biológicas de parte dos filhos.

The Fosters mostrou que não importa de onde você vem ou o que você faz, a família vai sempre ser o mais importante. E isso não quer dizer a família do seu DNA - constantemente foi mostrado que você não precisa ter nascido naquela família para ser parte dela (PARISE, 2018, n.p.).

Ainda segundo esta autora, a produção quebra tabus e conta a história de minorias. Percebemos nisso a presença de uma família que não se trata da família nuclear como centro da trama, trazendo como protagonista uma família que demonstra a transformação percebida nas últimas décadas.

4 Análise

4.1 *Friends*

Friends é uma sitcom estadunidense criada por David Crane e Marta Kauffman e foi originalmente exibida pela rede de televisão NBC e exibida entre 1994 e 2004. Atualmente está disponível na plataforma de streaming HBO Max. A série acompanha a rotina de um grupo de amigos, Rachel Green (Jennifer Aniston), Ross Geller (David Schwimmer), Monica Geller (Courteney Cox), Chandler Bing (Matthew Perry), Joey Tribbiani (Matt Leblanc) e Phoebe Buffay (Lisa Kudrow).

Chandler e Joey dividem um apartamento enquanto Monica e Rachel dividem o apartamento em frente. Os seis protagonistas se reúnem corriqueiramente no café Central Perk e na casa da Monica. A série possui a particularidade de todos os episódios começarem seu título com “Aquele que”, com exceção do episódio piloto, chamado de Piloto e o último episódio chamado de *The last one* (“O último” em sua tradução livre).

Segundo Danko (2017), com exceção de algumas cenas de cliffhanger⁷, o seriado costumava ser filmado em frente a um público de cerca de 300 pessoas. Segundo Morris (2020), a sitcom costumava ter entre 25 e 30 milhões de espectadores na sua exibição original para os Estados Unidos. Ele ainda aponta que um dos motivos do sucesso de *Friends* está na sua simplicidade, sendo um seriado fácil de se assistir.

Originalmente os criadores planejavam utilizar o nome *Friends like us* (“Amigos como nós” em sua tradução livre), sendo posteriormente substituído por apenas *Friends*. O próprio nome já indica que um dos objetivos é o de fazer com que o público identifique seu ciclo de amigos nos personagens.

Friends é recordista em premiações, tendo obtido mais de 150 nomeações, conquistado 7 prêmios Emmy, sendo um como melhor série de comédia, conquistado em 2002. No mesmo ano a série entrou para a lista da TV guide como um dos 50 melhores programas de televisão, além de outros prêmios.

⁷ Termo utilizado no cinema para descrever uma técnica utilizada para gerar suspense e deixar o espectador ansioso pelo que está por vir.

4.1.1 Sensibilidade masculina

A) Descrição da cenas

Piloto: No primeiro episódio da série somos apresentados a Ross que acabou de se divorciar de Carol, que o deixou por outra mulher, se descobrindo lésbica. O motivo do divórcio dos dois é apresentado no momento em que Joey questiona Ross se ele sabia que sua esposa era lésbica.

Figura 1: O divórcio de Ross



Fonte: HBO Max

Após isso, Joey tenta consolar o amigo, através de um discurso motivacional. No entanto, sua solução para a mágoa de Ross é a de que ele precisa ver mulheres nuas.

Figura 2. Joey tenta motivar Ross



Fonte: HBO Max

Ele completa a fala dizendo que Ross está solteiro e que precisa liberar seus hormônios. O que este responde que não quer ser solteiro, mas que quer voltar a ser casado. Mais tarde, no apartamento de Ross, Joey faz uma analogia onde compara diferentes mulheres com diferentes sabores de sorvete.

Aquele com as balas em forma de coração: No décimo quarto episódio da primeira temporada, vemos Joey e Chandler incentivando Ross a paquerar alguém. Sendo apontado por eles os fracassos recentes do amigo.

Figura 3. Ross volta a paquerar



Fonte: HBO Max

Aquele com o cara doidão: No décimo quinto episódio da primeira temporada, Ross está tendo dificuldade em seduzir a garota com quem está saindo. Tendo, sobretudo, dificuldades com a parte verbal das preliminares. Ele se aconselha com Joey e explica como foi a noite anterior, onde não conseguiu consumir o ato e ambos passaram o tempo apenas abraçados, o que Joey responde de forma sarcástica.

Figura 4. Resposta sarcástica de Joey



Fonte: HBO Max

Após os dois ensaiarem, Ross tenta colocar em prática o que conversaram. Ao se encontrarem novamente no Central Perk, Ross conta para Joey como foi sua aventura.

Inicialmente, ele tenta impressionar o amigo, explicando para o Joey que foi a sacanagem mais complexa que ele já ouviu.

No entanto, após ser questionado pelo amigo a respeito do desfecho, ele acaba contando que, após a conversa de sacanagem, ambos ficaram cansados e o final acabou por ser o mesmo da noite anterior, gerando um olhar de decepção em Joey, lembrando o que ocorreu anteriormente no episódio.

Aquele com duas partes - Parte 2: No décimo sétimo episódio da primeira temporada, Ross se encontra com seu pai para se aconselhar e pergunta como este se sentiu ao saber que iria ser pai e se ele “surtou” com isso, o que ele revela não ter sido tão presente, pois quem estava cuidando dessa parte era sua esposa, enquanto ele cuidava dos negócios.

Figura 5. Conselhos do pai do Ross



Fonte: HBO Max

Após esse breve relato de seu pai, Ross pergunta quando ele começou a se sentir como pai e, após essa fala, Jack pergunta a Ross se ele realmente não quer ir a Williamsburg, o que Ross responde de forma levemente emotiva que gostaria.

Aquele com o túnel metafórico: No episódio 4 da terceira temporada, Susan e Carol trazem Ben para passar um tempo com Ross. No entanto, ele se depara com o filho segurando uma Barbie. Ele, a princípio, finge concordar, mas, assim que Carol e Susan saem, ele tenta convencer o filho a mudar de brinquedo.

Figura 6. Ross tenta convencer Ben a largar a Barbie



Fonte: HBO Max

Após diferentes tentativas, Ross finalmente consegue que Ben troque a boneca por um brinquedo representando um soldado. Quando Susan e Carol voltam para buscar o filho, Ross se mostra contente dizendo que foi o brinquedo que ele escolheu. Enquanto Ross faz gozação com as duas, Monica questiona porque ele se importa tanto, sendo que ele, quando criança, se vestia com roupa de mulher.

Figura 7. Monica revela que Ross se vestia com as roupas da mãe



Fonte: HBO Max

Monica descreve que Ross costumava usar um chapéu, um colar de pérolas e uma blusa cor-de-rosa. Inicialmente ele se mostra surpreso e fala que Monica está inventando, até que, após ela citar que ele gostava de ser chamado de Bea, Ross, de forma chocada, se lembra. Após as três se divertirem com a história que incluía uma música, o episódio finaliza mostrando Ross criança usando as roupas que Monica falou e cantando sua música.

Aquele com o macaco: No décimo episódio da primeira temporada, no Ano Novo, Chandler pede para alguém lhe dar um beijo na “virada de ano”, porém, esse beijo acaba não vindo de uma das meninas.

Figura 8. Joey beija Chandler



Fonte: HBO Max

Aquele com o casamento de Barry e Mindy: No vigésimo quarto episódio da segunda temporada, Joey precisa beijar outro homem em uma cena e acaba pedindo ajuda para os amigos. No entanto, tanto Ross quanto Chandler mostram uma forte recusa em relação a isso, porém, ao final do episódio, com muita resistência, Ross aceita “pelo amigo”, que comenta que foi um beijo e tanto.

Figura 9. Ross e Joey se beijam



Fonte: HBO Max

Aquele com o melhor padrinho: No episódio 22 da quarta temporada, após a despedida de solteiro de Ross, o anel é perdido e os amigos iniciam uma busca para encontrá-lo. Após a situação ter sido resolvida e o anel recuperado, Ross ainda precisa decidir

quem será seu padrinho de casamento. Ele se mostra decidido a ter os dois como seus padrinhos, começa a se emocionar e não termina a sentença nas falas: “Vocês dois são os meus...”; “Isto é, eu tenho sorte de ter um bom...”. Fica subentendido que ele quer dizer que os dois são os seus melhores amigos. Após isso, Chandler, com a voz carregada, agradece a fala de Ross, enquanto Joey, emocionado, fala que precisa ir ver algo e sai andando para o canto do local, onde se escora na parede para chorar. Chandler e Ross o chamam de chorão, porém, agem de forma semelhante.

Figura 10. Os caras choram de forma escondida



Fonte: HBO Max

Aquele com os parceiros de soneca: No sexto episódio da sétima temporada, Joey, Chandler e Ross se encontram na casa de Ross para uma noite de filmes, porém, Chandler opta por seguir outro compromisso naquela noite, deixando os dois sozinhos e eles pegando no sono juntos no sofá.

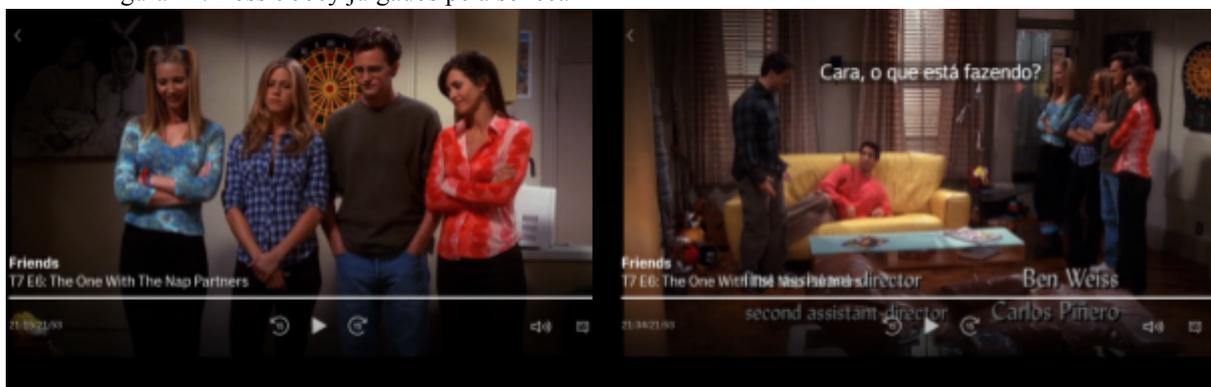
Figura 11. Joey e Ross pagam no sono juntos



Fonte: HBO Max

Os dois se mostram assustados ao se deparar com o fato de que dormiram juntos no mesmo sofá. Ambos mostram muito desconforto na cena seguinte e inicialmente concordam em nunca falar sobre o que acabou de acontecer. Mais tarde, no mesmo episódio, agora na casa de Joey, o mesmo fala que eles precisam conversar sobre o que aconteceu e que foi a melhor soneca que ele já tirou, o que Ross inicialmente se recusa a concordar, até que assume que para ele também foi. Ao final do episódio, os dois não resistem e voltam a dormir juntos, dessa vez no sofá de Joey. Quando os dois acordam dizendo que foi um ótimo cochilo, são surpreendidos pelos demais amigos. Joey, então, levanta rapidamente perguntando para Ross o que ele está fazendo.

Figura 12. Ross e Joey julgados pela soneca



Fonte: HBO Max

Aquele que a Monica canta: No episódio treze da oitava temporada, Joey decide fazer as sobrancelhas para se preparar esteticamente para uma sessão de fotos. Ao entrar na clínica, fala para a recepcionista o que veio fazer no local e, quando ela pergunta seu nome, ele fala o nome do amigo Chandler ao invés do seu próprio.

Figura 13. Joey vai fazer as sobrancelhas



Fonte: HBO Max

Mais tarde, no apartamento de Monica e Chandler, Joey chega cobrindo o rosto com uma revista e fala para seu amigo que precisa de ajuda. Ao contar que fez as sobrancelhas, Chandler se sente tentado a tirar sarro do amigo.

Figura 14. Chandler tentado a tirar sarro de Joey



Fonte: HBO Max

Joey responde que pode ser “mariquinha”, mas que ainda pode acabar com a raça de Chandler. Ao ver a situação do amigo, Chandler então revela que ganhava sua mesada fazendo a sobrancelha de seu pai e de seus “sócios”. Após o procedimento, Joey sugere que deveriam pensar em fazer algo mais másculo para compensar a última hora. No entanto, o que logo passam a fazer segue sendo cuidar da estética de Joey.

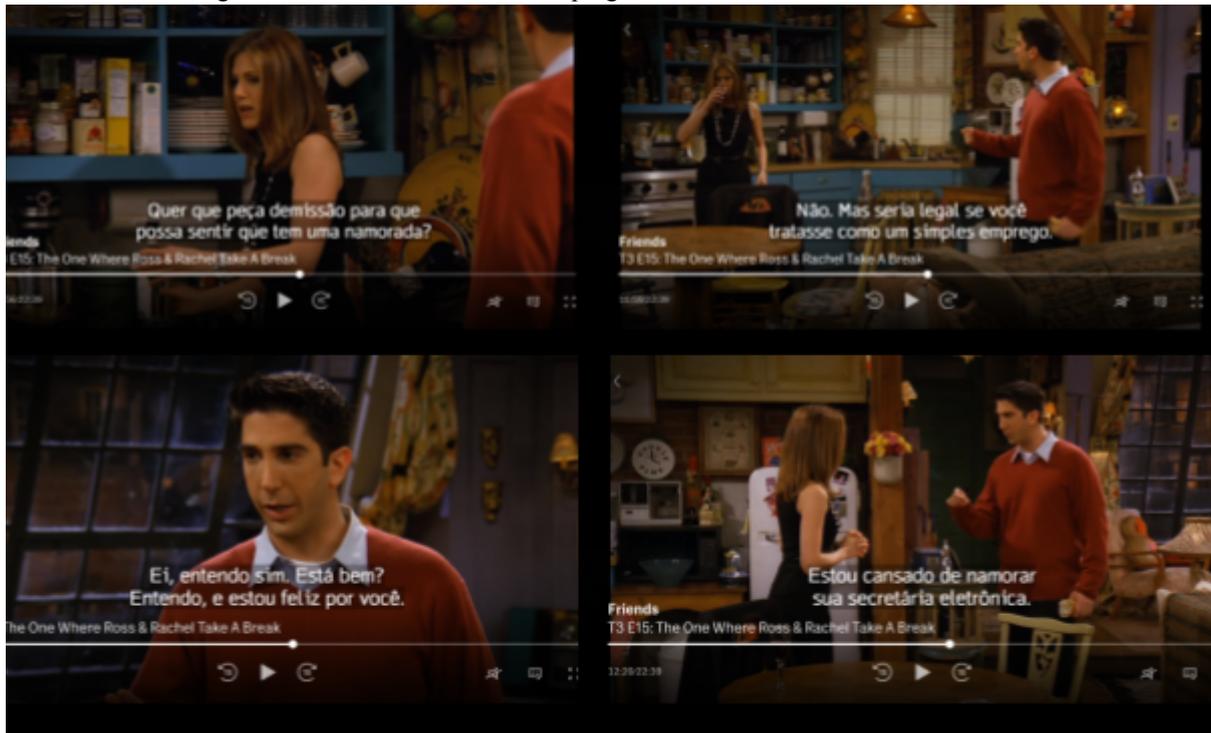
Figura 15. Joey e Chandler enrolando os cílios



Fonte: HBO Max

Aquele em que Ross e Rachel dão um tempo: No décimo quinto episódio da terceira temporada, Ross aparece no trabalho de Rachel, esperando que ela consiga ter um tempo para ele, como isso não acontece os dois acabam discutindo no apartamento de Monica, onde Ross a cobra por passar muito tempo em seu emprego.

Figura 16. Ross com ciúmes do emprego de Rachel



Fonte: HBO Max

Aquele com o babá homem: No sexto episódio da oitava temporada, Ross e Rachel buscam contratar uma babá para sua filha Emma. Após algumas entrevistas frustradas, os dois se deparam com Sandy. Ao ler as qualificações de Sandy para Rachel, Ross se utiliza do pronome “Ela”, já assumindo se tratar de uma mulher. Os dois apenas percebem se tratar de um homem ao abrir a porta, o que choca Ross logo de início, com a fala: “E ela é um pouco masculina”.

Durante a entrevista, Ross segue se mostrando chocado com o fato de um homem seguir a profissão de babá e questiona a sexualidade de Sandy, assumindo que nenhum homem hétero estaria disposto a seguir nessa profissão.

Figura 17. Ross questiona a sexualidade de Sandy



Fonte: HBO Max

Apesar de Rachel ter gostado muito de Sandy, Ross se mostra totalmente contrário a contratá-lo, porém, quando questionado por Rachel, ele não é capaz de apresentar uma razão plausível para não escolher Sandy.

Figura 18. Ross contrata um homem babá



Fonte: HBO Max

Após insistir, Rachel o convence a contratar Sandy, que, ao saber que seria contratado, começa a chorar, dizendo que é um momento emocionante ser recebido em uma nova família. Enquanto Rachel abraça o novo babá, Ross, falando sozinho, diz que Sandy deve ser ao menos bi.

Ao chegar em casa do trabalho, Ross se depara com Rachel e Sandy chorando, Rachel então explica que ele estava contando como pediu a noiva em casamento. Ross logo chama Rachel para conversar na cozinha e diz que Sandy já chorou mais vezes naquele apartamento do que ele mesmo, desde que se mudou. Ela defende o babá, porém, Ross segue com a mesma opinião.

Figura 19. Ross acha Sandy sensível demais



Fonte: HBO Max

Após Rachel falar que nunca pensou que isso seria um problema para Ross, dizendo que ele não é do tipo “machão”, ele responde dizendo que existe sensível e sensível demais. No dia seguinte, Ross consegue convencer Rachel a demitir Sandy, ao dizer que ele não faria ela aceitar alguém que a deixasse tão desconfortável quanto ele se sente com Sandy.

No momento da demissão, Sandy pergunta para Ross o que fez de errado, dizendo ser algo que pode melhorar no futuro. Ross responde que o problema não é com Sandy, mas com sua dificuldade de se sentir confortável com um homem sensível, o que leva Sandy a perguntar o motivo de ele se sentir assim, o que, após ser convencido pelo olhar do babá, diz que deve ser por causa de seu pai. Ross conta que, quando estava crescendo, seu pai sempre foi “durão”, que ele não era isso e que se sentia que seu pai pensava que ele era sensível demais.

Figura 20. Ross começa a se abrir



Fonte: HBO Max

Ross, então, compartilha uma lembrança de quando estava brincando com seus dinossauros em seu quarto e seu pai o mandou largá-los e ir brincar “como um menino de verdade”.

Figura 21. Lembrança de Ross



Fonte: HBO Max

Sandy diz a Ross que ele é um menino de verdade, o que o leva a seguir o desabafo dizendo que sabe que é. Quando Sandy usa mais de sua pedagogia, dizendo que chorar é bom, Ross chora mais ainda e finaliza o episódio chorando abraçado com o babá.

Figura 22. Ross chora nos braços de Sandy



Fonte: HBO Max

Aquele com o milésimo: Ao fim do terceiro episódio da quinta temporada, Chandler pergunta qual será o nome da filha de Frank, que, quando se pensava ser menino, iria se chamar Chandler.

Figura 23. Menina Chandler



Fonte: HBO Max

Aquele com o pai de Chandler: No episódio vinte e dois da sétima temporada, Monica convence Chandler a ir ver seu pai para convidá-lo para o casamento dos dois. Eles então vão a Las Vegas, onde Charles ou Helena, apresenta seu show. Chandler se mostra desconfortável

por se tratar de uma boate com show de Drag Queens. Enquanto os dois estão sendo atendidos, engrossando a voz, Chandler pede por uma cerveja.

Figura 24. Chandler pede uma cerveja para mostrar ser hétero



Fonte: HBO Max

Aquele com o pediatra: No terceiro episódio da nona temporada, Chandler está mudando de cidade, após dormir em uma reunião de trabalho e acidentalmente concordar com isso. Monica concorda em acompanhar o marido, até que recebe uma proposta dos sonhos de trabalho; após uma breve discussão entre os dois, Chandler diz que ela deveria aceitar o emprego, pois sabe que é importante para ela.

Figura 25. Chandler defende Monica ficar em Nova Iorque



Fonte: HBO Max

No entanto, ela não é a única de quem ele deve se despedir. Ao final do episódio, ele e Joey tem uma emocionada despedida.

Figura 26. Despedida emocionada de Chandler e Joey



Fonte: HBO Max

Após isso, os dois ainda se despedem de forma emocionada ao telefone.

Figura 27. Conversa emocionada entre Chandler e Joey



Fonte: HBO Max

Aquele com o Natal em Tulsa: No décimo episódio da nona temporada, Chandler se demite por não aguentar ficar longe de sua esposa e também por considerar ser hora de buscar aquilo que gosta. Ao final do episódio, comenta que agora quem sustenta a casa é Monica.

Figura 28. Chandler é um homem sustentado



Fonte: HBO Max

B) Síntese

Performance da masculinidade: Percebemos em Ross aquilo que Oliveira (2007) aponta como construção social da masculinidade, pois, após perder sua esposa para outra mulher, é pressionado por seus amigos a partir para novas conquistas românticas, onde ele deve provar sua masculinidade. Vemos em Joey uma reprovação pelo fato de o amigo gostar de passar a noite abraçado sem necessariamente transar, o que gera uma pressão em Ross para buscar ser o padrão de homem.

Uma forma de performance é observada também em Joey e Chandler, pois, para fazer os cílios, Joey escolhe utilizar o nome do amigo, com o intuito de esconder algo que seria considerado feminino e como apontado por Byington (2019), o cuidado com a aparência é algo que o homem patriarcal busca distância, por ser uma característica feminina. Vemos essa necessidade também quando, junto a Chandler, após fazerem suas sobrancelhas, os amigos falam em fazer algo másculo, porém, voltam a fazer algo considerado feminino, estando tudo bem desde que ninguém fique sabendo, o que também acontece na soneca entre Joey e Ross, que, após aceitarem ser algo que gostam, decidem fazer, mas, no momento que são descobertos, Joey passa a imediatamente negar que aquilo ocorreu.

Observamos, seguindo as ideias de Oliveira (2007), que o homem é levado a se provar homem, sendo esse o motivo para que Ross seja pressionado por seus amigos na primeira temporada. Em seu caso, existe o agravante de ter perdido sua esposa para outra mulher, seguindo as ideias de Fuller (1997), onde a relação de homens e mulheres se trata de uma relação de poder. Nesta relação de poder, o homem está na ponta da hierarquia com a mulher abaixo; com isso, perder sua esposa para outra mulher seria entendido como fraqueza por parte de Ross e não como algo natural de descobrimento por parte de Carol.

No episódio com o babá Sandy, vemos Ross incessantemente tentando provar que aquela profissão e que a sensibilidade são atributos não masculinos. Ao vermos ele perguntar se Sandy é gay, percebemos a necessidade do homem de se distanciar daquilo que é entendido como feminino ou homossexual. Ao dizer que, para fazer biscoitos, o homem deve fazer biscoitos viris e másculos, ele demonstra que vê características delicadas como algo não masculino.

Podemos perceber que a necessidade de provação é algo presente na sociedade em piadas, como a zoação da Phoebe dizendo que o nome “Chandler” ficou bem nele, mesmo sendo um nome muito masculino. Essa piada se torna possível pela insegurança do homem em sua própria masculinidade. No entanto, o personagem mostra uma mudança em relação a isso Chandler ao falar com orgulho de que é um homem sustentado e que quem assume papel de prover a casa passa a ser sua esposa, onde mostra uma maior segurança em comparação a si mesmo em uma situação anterior, talvez porque a performance desse personagem em particular está na heterossexualidade e não no papel que ele desempenha em sua família.

Aceitação da sensibilidade: Percebemos como no episódio do homem babá a série mostra a masculinidade como construção social, como é apontado por Oliveira (2007), pois Ross se mostra extremamente incomodado com a sensibilidade de Sandy, a ponto de oprimir suas próprias características durante este episódio. Ele esconde sua sensibilidade e tenta se portar como o homem patriarcal que, assim como apontado por Byington (2019), não se permite sentir ou chorar.

No entanto, ao final do episódio, vemos a “verdadeira natureza” de Ross e o motivo de ele se mostrar tão incomodado com Sandy. Notamos como ele sempre sentiu que seu pai o via como sensível demais, o gerando uma insegurança que podemos perceber na sua reação quando confrontado com a realidade de um homem que não se importa em ser sensível e ter como suas características aquelas que são normalmente associadas ao gênero feminino.

Vemos como a visão da sociedade a respeito de um babá homem não é restrita a Ross, quando Sandy afirma que já ouviu muito a pergunta se é gay, devido ao trabalho que exerce. Podemos ainda perceber que, quando questionado por Rachel, a resposta de Ross é “porque é estranho”, mostrando que ele não sabe explicar o motivo de ser contra a forma que Sandy age, ele apenas reproduz aquilo que é a visão hegemônica da sociedade, o que Rippon (2016) chama de “determinismo biológico”, ou seja, todo homem deve ser de tal forma pelo simples fato de ser homem, não abrindo espaço para a diferenciação de um indivíduo para o outro.

Percebemos como no episódio da despedida de solteiro de Ross, os três, após se emocionarem, passam a esconder o choro, pois, assim como Byington (2019) afirma, o

homem busca a distância de seu lado sensível. Os três choram distantes uns dos outros e escondem o que estão sentindo. Algo que é visto de forma totalmente diferente no babá Sandy, que se sente confortável com sua sensibilidade, tanto em relação a não ter problema em chorar, quanto em fazer coisas consideradas delicadas e femininas.

Diversidade de masculinidade: Dentre os personagens masculinos de *Friends*, vemos uma menor necessidade em Joey em provar sua heterossexualidade, beijando Chandler em um Ano Novo e pedindo para os amigos o ajudarem a se preparar para beijar outro homem em uma cena, o que no fim do episódio Ross aceita fazer, porém, muito contrariado. Joey se mostra seguro a ponto de dizer que Ross beija bem e Rachel tem sorte de tê-lo. Com isso, vemos que ele não se preocupa em se provar heterossexual, distanciando-se da necessidade de uma performance.

No entanto, essa preocupação existe em alguns momentos, como quando usa o nome de Chandler na clínica de estética e com isso podemos refletir sobre o motivo dessa mudança. Consideramos que ela se deve pelo fato de que, por dormir com muitas mulheres, Joey já se provou “homem” perante a sociedade e beijar um dos amigos para uma peça não mudaria nada, porém, quando se trata de ser algo que se poderia ver como uma prova de uma suposta homossexualidade, nesse momento, ele tende a ter uma certa preocupação. No caráter sensibilidade, vemos uma diversidade em Sandy, que não busca reprimir e também em Joey nas últimas temporadas, onde se mostra um homem emotivo. Também percebemos uma diversidade em Chandler ao não se importar em ser autoridade em sua casa e deixando Monica exercer suas características de gostar de mandar.

Abordagem da série: Podemos perceber que no episódio do babá Sandy, a série busca mostrar a ideia da sensibilidade como algo normal também entre homens, pois o personagem foi escrito de uma forma onde ele se mostra seguro de sua sensibilidade, sem haver nele uma necessidade de provar sua masculinidade, onde ele não busca esconder este lado de sua personalidade e desta forma ganha a confiança de todos os personagens, com a exceção de Ross. No entanto, os personagens principais da série são criados de forma a, na maior parte do tempo, buscarem ser o padrão do homem patriarcal, porém, há uma mudança nas últimas temporadas.

Papel do homem na família: Percebemos, pelo depoimento dado por Jack ao seu filho Ross, como ele assumiu claramente o papel de provedor da família, seguindo aquilo descrito pelos autores trabalhados como o papel do homem patriarcal, deixando os cuidados dos filhos para a sua esposa. No entanto, sua reação de culpa mostra que ele se arrepende de não ter participado de forma mais afetiva na vida de Ross e tenta aproveitar a situação para realizar

isso. Enquanto isso, são mostrados poucos episódios de Ben com Ross, mostrando que talvez ele não seja um pai muito presente na vida do filho, apesar de assumir uma posição de mostrar afeto quando os encontros acontecem.

Independência feminina pela ótica masculina: Percebemos, pela reação de Ross em relação ao tempo que o trabalho toma de Rachel, como ele não apoia a independência de sua parceira e de uma forma não dita dando a entender que ela deveria sim o escolher acima de seu trabalho, demonstrado na fala em que ele diz que ela deveria entender que se trata apenas de um emprego. Curiosamente, temporadas depois, vemos Chandler agindo de forma completamente diferente em relação à Monica, onde ele apoia que a esposa não o acompanhe em uma mudança para que possa ter o emprego que deseja.

Pensamento da sociedade: Em suas primeiras temporadas, a sensibilidade masculina é tratada mostrando os personagens escondendo seu choro, pois não devem mostrar este lado, porém, isso muda no decorrer das temporadas, como no caso do babá Sandy, mas também entre os protagonistas que costumavam esconder o choro como na quarta temporada, porém, na nona Joey chora abertamente com a partida de Chandler, gerando conversas extremamente emotivas entre os dois.

4.1.2 Diversidade sexual e familiar

A) Descrição das cenas

Episódio piloto: No episódio piloto de *Friends*, somos apresentados a Ross que acaba de se divorciar da esposa que se descobriu lésbica. A introdução é feita em uma conversa entre os amigos no Central Perk onde Ross é perguntado se não sabia que a esposa era lésbica, o que ele responde que não e que nem ela sabia. A homossexualidade de Carol e Susan é muito apresentada ao acompanhar Ross, seja quando são mencionadas em suas conversas como Carol sendo a ex esposa lésbica, seja quando estão os três juntos devido a serem os três pais da mesma criança.

Aquele com a ultrassonografia: No segundo capítulo da primeira temporada, presenciamos a primeira ultrassonografia do filho de Ross. Ao chegar no consultório, ele vê sua ex-esposa, Carol, na cama, mas logo se depara com a presença de Susan, a atual companheira. Inicialmente os três demonstram desconforto e Ross se mostra perdido na forma com que a família irá funcionar em relação a decisões. Logo se inicia uma discussão em relação ao nome da criança, havendo uma desavença em relação ao sobrenome do bebê.

Susan e Carol defendem que ele carregue o nome das duas, o que gera um desconforto em Ross, que questiona o motivo de a criança ter o sobrenome de Susan, que responde que o filho também é dela. Após Ross ficar chocado e fazer um comentário sarcástico, ela comenta sobre o desafio que a situação envolve.

Figura 29. Discussão sobre o sobrenome do filho de Ross



Fonte: HBO Max

Após essa discussão, Ross sugere que leve o nome dos três, mas o embate continua e Ross comenta que a situação é muito difícil para ele, até que a médica chega na sala. Neste momento, Ross ameaça ir embora, dizendo que não consegue fazer parte desta família, mas, após ouvir o coração no ultrassom, ele volta e os três se dão as mãos.

Figura 30. Introdução a um novo modelo de família



Fonte: HBO Max

Aquele com duas partes - Parte 1 : No episódio 16 da primeira temporada, é mostrada uma aula relativa ao trabalho de parto para casais. Em determinado momento, Carol se mostra insegura com o que está por vir, sendo confortada tanto por Ross quanto por Susan. Onde os dois assumem papel de suporte a ela, dando origem a uma nova dinâmica familiar entre eles.

Figura 31. Ross e Susan acalmam Carol



Fonte: HBO Max

Aquele com o nascimento: No episódio 23 da primeira temporada, presenciamos o nascimento do filho de Ross, Carol e Susan. O capítulo se inicia com Ross e os amigos chegando ao hospital à espera de Carol, após alguns momentos com Ross nervoso, Carol chega carregada em uma cadeira de rodas por Susan. Enquanto Ross e Susan ajudam Carol a se acomodar no quarto, os dois começam a discutir, retornando ao desentendimento em relação ao nome do bebê, com o seguimento da discussão Carol manda os dois saírem. Os dois encontram Phoebe enquanto discutem no corredor que os manda entrar em uma dispensa para conversar e resolver o assunto. No entanto, os três ficam presos no local e os dois seguem discutindo e desabafam suas frustrações.

Figura 32. Ross e Susan discutindo



Fonte: HBO Max

Ao ver a discussão, Phoebe começa a rir, o que deixa Ross e Susan confusos do motivo para isso. Quando questionada, ela faz uma reflexão sobre a sorte de Ben, pelo fato de nascer em tal família.

Figura 33. Phoebe reflete sobre a família de Ben



Fonte: HBO Max

Após a fala de Phoebe, a discussão tem um fim. Quando Ross e Susan conseguem chegar no quarto onde Carol está, os amigos são solicitados pela enfermeira a se retirar por se ter muitas pessoas no quarto, deixando apenas os três.

Figura 34. Enfermeira pede que se deixe apenas Carol, Ross e Susan no quarto



Fonte: HBO Max

Com o bebê nos braços de Ross, Carol lembra que eles ainda precisam escolher o nome, quando Ross sugere o nome Ben, sendo o momento onde ele e Susan começam a fazer as pazes, se vendo como parte da mesma família.

Aquele com o leite materno: No segundo episódio da segunda temporada de *Friends*, acompanhamos Carol e Susan deixando o filho aos cuidados de Ross. Enquanto Ross e Susan mostram uma certa rivalidade, mas logo Rachel chama a atenção em relação a camiseta que Susan comprou para Ben, com a frase “Minhas mães me amam”.

Figura 35. Camiseta das mães de Ben



Fonte: HBO Max

Aquele com a fita de hipnose: No décimo oitavo episódio, a série apresenta o casal Frank e Alice e logo de início provoca uma estranheza, inclusive pelos antigos hábitos de Frank.

Figura 36. Apresentando o casal Frank e Alice



Fonte: HBO Max

A diferença de idade entre os dois provoca estranheza pela diferença de idade entre os dois, levando Phoebe a convencer Alice a desistir do irmão, o que funciona apenas até o fim do episódio, no momento em que ela vai até Frank para lhe explicar que apesar de se amarem, pela diferença de idade seria errado se relacionarem.

Figura 37. Alice tenta romper com Frank



Fonte: HBO Max

Aquele com os embriões: No décimo segundo episódio da quarta temporada, após Frank e Alice conseguirem convencer Phoebe a carregar seus filhos através de uma inseminação artificial, temos a confirmação de que Phoebe realmente irá dar à luz aos filhos dos dois, gerando uma reação atípica em Frank ao saber que será pai.

Figura 38. Frank descobre que será pai



Fonte: HBO Max

Aquele com o centésimo: No terceiro episódio da quinta temporada de *Friends*, Phoebe dá a luz aos filhos do irmão, porém ela apresenta uma dificuldade de aceitar não levá-los para casa, a levando a inclusive pedir a Rachel que peça ao seu irmão para que ela fique com um dos trigêmeos. Ao fim do episódio, ela resolve se conformar em ser a tia favorita dos dois.

Figura 39. Tia Phoebe



Fonte: HBO Max

Aquele com todas as Ações de Graças: A história de pai de Chandler, interpretada por Kathleen Turner, é durante as primeiras temporadas retratada através de falas de Chandler contando a história de sua família, sem contar com a aparição da personagem na série. Um exemplo disso ocorre no oitavo episódio da oitava temporada, onde Chandler conta sobre a separação de seus pais e sua mãe diz que não se trata de eles terem deixado de se amar, mas que Charles prefere dormir com o criado a com ela e Chandler se mostra sentido em relação aquela noite.

Aquele com o pai de Chandler: No episódio vinte e dois, Monica convence Chandler a ir ver seu pai, após perceber que ele não havia sido convidado para o seu casamento.

Originalmente Chandler se opõe dizendo que nem o conhece. Essa fala original em inglês é “I don’t even know the man”, o que se formos traduzir de forma literal, significa “Eu nem conheço o homem”. Eles vão assistir ao show do pai de Chandler, chamado Viva las gaygas. Os dois comparecem ao show em questão, quando os dois são perguntados se foram atendidos, Monica se mostra confusa se deve chamar a pessoa que a atendeu de “Ele” ou de “Ela”.

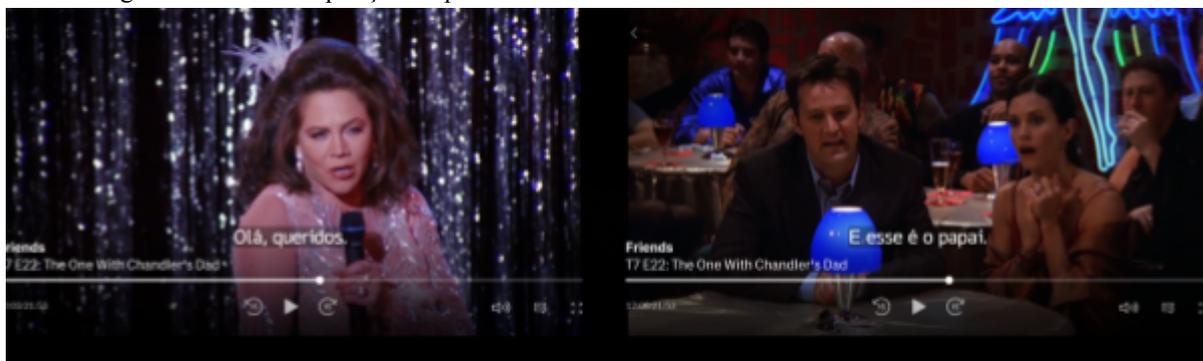
Figura 40. Monica em dúvida entre o pronome correto



Fonte: HBO Max

Chandler conta para Monica que acha que seu pai também não ficará feliz em vê-lo, explicando que este tentou contatá-lo inúmeras vezes durante os anos, mas que ele sempre se recusou em vê-lo. A série então apresenta pela primeira vez o pai de Chandler, onde adota o nome Helena Handbasket. Após a aparição, Chandler se mostra nervoso com a cena.

Figura 41. Primeira aparição do pai de Chandler



Fonte: HBO Max

Depois disso, enquanto a série mostra o show, Monica se mostra chocada dizendo que aquele não pode ser o pai do Chandler, que responde que é o que tem repetido a anos.

Figura 42. Monica chocada ao ver o pai de Chandler pela primeira vez



Fonte: HBO Max

Chandler ameaça ir embora, quando seu pai, sem saber que se trata de seu filho, o chama para conversar no momento de entrevistar a plateia. Ao ver o desconforto dos dois, Monica tenta chamar alguém para trazer uma água, sem saber se o correto seria chamar de “garçom” ou “garçonete”. Após conversarem um pouco e colocarem Helena a par do casamento, Chandler diz que ficaria muito feliz se ela fosse, utilizando um nome no feminino para se referir a ela.

Figura 43. Chandler utiliza uma palavra no feminino para se referir a seu pai



Fonte: HBO Max

Seu pai responde que não perderia por nada no mundo, Helena então se mostra emocionada e volta a seu show. Ela finaliza o show cantando a música *It's raining men*.

The last one: No último episódio da série, Monica e Chandler estão prestes a se mudar e antes, Monica e Chandler deixam suas chaves para o dono do apartamento, o que é surpreendentemente seguido pelos demais que também possuíam a chave da casa, mostrando que todos poderiam entrar no momento que quisessem

B) Síntese

Homofobia: Nas primeiras temporadas da série, vemos poucos momentos de homofobia, que, segundo Ferrão, Coacci e Carvalho (2017), possui diversas formas. A relação de Carol e Susan é mostrada principalmente através dos olhos de Ross. Mesmo em relação à mulher trans que vem a ser pai de Chandler, a série nos traz poucos episódios de homofobia, talvez o mais marcante seja por parte do próprio filho, que, por muito tempo, não respondeu às tentativas de contato do pai até que Monica o convenceu do contrário, mostrando um tipo de homofobia caracterizada pela rejeição da família.

Novo arranjo de família: Podemos perceber que a adaptação dos personagens a uma família com três pais, duas mães e um pai se mostra desafiadora, como ressaltado por Susan durante a ultrassonografia. Ao questionar Susan sobre o seu papel, dizendo que não se recorda de ela ter doado algum espermatozoide, Ross demonstra o seu entendimento de normal, de que os laços de família são formados com base em laços sanguíneos. No entanto, como Walsh (2016) nos aponta, o entendimento de normal é subjetivo e Ross considera um tipo específico de normal devido à sociedade em que está inserido e nos valores que recebeu nesta cultura. Percebemos ainda a resistência inicial de Susan e Carol em reconhecer Ross como pai da criança e podemos considerar que, apesar de estarem dispostas a quebrar o modelo tradicional de família, as duas ainda têm dificuldade de conceber a ideia de uma criança com mais de dois pais como normal.

A partir dos pensamentos dos autores trabalhados, podemos perceber como a ideia daquilo que é família muda de forma constante e teve diversas fórmulas padrões ao longo do tempo. No entanto, é através desta instituição em que os valores do indivíduo inicia a ser construído e percebemos que os personagens nada mais que refletem o estranhamento da sociedade em relação a formatos diferentes de família e consideramos que um dos prováveis objetivos dos criadores de *Friends* está em pautar esses assuntos, pois eles expõem, através da comédia, que a mãe afetiva neste formato não é vista pela sociedade como mãe da mesma

forma que a mãe biológica. Seu papel como mãe é ressaltado no momento em que Phoebe afirma que a criança possui três pais que a amam, transmitindo a ideia de que o laço pode ser formado por questões de afeto e que os três possuem igualmente este papel, o que consideramos transmitir a visão dos criadores. O que, a partir das ideias de Wazlawick (2019), podemos considerar como uma nova tendência de visão da sociedade sobre o assunto. Ao longo desta trajetória, percebemos como a percepção dos personagens passou por uma transformação em relação aos primeiros episódios, seguindo o que Corrêa (2019) aponta ao dizer que, apesar de os valores serem inicialmente passados pela família, eles podem ser alterados através da vivência do indivíduo.

No momento que Ross, Susan e Carol dão as mãos, podemos entender que os autores estão nos introduzindo a um novo arranjo de família, que foge dos modelos tradicionais ditados por fatores sanguíneos. Percebemos, durante a aula de parto, como os três ainda estão em processo de se adaptar com a ideia, onde aquilo lhes foi passado durante a vida como normal ainda carrega um peso em sua visão da situação. Notamos na aula de parto que os personagens ainda estão em um processo de agir como família e de reconhecer um ao outro como parte da mesma. Percebemos a finalização do processo de adaptação após o nascimento de Ben, onde Susan já é tratada com o status de mãe, trazendo inclusive uma camiseta onde se ressalta que Ben tem mais de uma mãe. Por fim, apesar da rivalidade, percebemos que os três já se aceitam como parte da família de Ben, onde sua visão passa a ser mais influenciada por suas vivências e passam a superar a visão passada pela sociedade durante suas vidas.

O caso de Phoebe nos mostra outro arranjo alternativo de família, onde, após uma inseminação artificial, carrega os filhos do irmão. Percebemos como o próprio casal Frank e Alice se trata de um casal diferente do tradicional devido à diferença de idade dos dois e pelo fato de que ela foi professora de Frank na escola. Os dois são obrigados a recorrer a uma barriga de aluguel e escolhem Phoebe. Podemos ainda considerar que havia a possibilidade de Phoebe assumir o papel de mãe assim como Alice, originando outro modelo multiparental, porém, o que acontece é que ela segue sendo tia, mas, logo após o nascimento dos bebês, percebemos como ela tem uma ligação emocional maior do que tios habitualmente teriam. Portanto, podemos considerar que o papel emocional de Phoebe é diferente daquilo que se teria como convencional, devido à forma com que as crianças foram geradas.

Amigos como forma de família: Percebemos que os amigos de *Friends* se trata daquilo que Marshall (2007), chamada de família alternativa a nuclear, isso é confirmado pelas regras internas, como de por dez anos frequentarem juntos o mesmo café e pela ligação afetiva construída, como quando Ross não consegue escolher apenas um padrinho, além de

dividirem todos os momentos, desde o nascimento de Ben até a adoção dos filhos de Monica e Chandler. Consideramos que isso é simbolizado no momento em que todos mostram ter a chave do apartamento de Monica, no último episódio da série.

Pensamento da sociedade: Consideramos que estas reações dos personagens no caso da família multiparental refletem parte do pensamento predominante da sociedade em questão. Podemos perceber como a série demonstra esse modelo de família como algo novo inclusive para aqueles que fazem parte dela e pela fala de Susan, ao dizer que todo mundo sabe quem Ross é, mas que não existe o “Dia da amante lésbica”. Podemos perceber esta nomenclatura sendo utilizada também pela enfermeira ao mandar todos saírem com exceção do marido e da amante lésbica.

Poderíamos argumentar que ela não chamou Ross de pai, mas sim de marido, porém, pela repetição da nomeação do termo amante lésbica, podemos considerar constituir um padrão e vemos através disso como a série expõe a novidade que é tal configuração familiar; e como é algo novo na sociedade em questão, ainda gera estranhamento e por vezes faltam algumas nomenclaturas. Além de a própria personagem questionar o seu papel na família, se sentindo de fora da mesma e não se vendo no mesmo papel de Carol.

No caso de Phoebe com Frank e Alice, continua sendo um tabu até os dias atuais, onde não há preconceito entre casais onde o homem é mais velho do que a mulher, porém, na situação inversa, sim. Podemos considerar que essa visão talvez tenha origem no fato de o homem patriarcal ser a autoridade dentro da família e, no caso de uma mulher mais velha, poderia ser presumido haver uma inversão nestes papéis naturalizados na sociedade.

Outro tabu trazido pela série diz respeito ao pai de Chandler, que, na verdade, é uma mulher transexual e não um homem homossexual, porém, a série retrata a personagem de forma equivocada, mostrando o desconhecimento da época em relação a este tópico, tanto que, ao dizer que nem o conhece, Chandler utiliza a palavra em inglês *man*, que significa homem. Uma ressalva é feita em relação ao momento em que Chandler utiliza um pronome feminino para se referir à personagem e o próprio desconhecimento da Monica em relação a qual gênero usar no pronome em relação à pessoa que está os atendendo, o que ilustra o desconhecimento e estranhamento da época com o assunto.

Construção dos personagens: A presença dos personagens LGBTQI+ é pequena no seriado, sobretudo nas primeiras temporadas, onde Susan e Carol estão muito mais presentes em conversas de Ross com os amigos do que em aparições reais das personagens, o que também acontece com Charles ou Helena Bing, que só tem sua primeira aparição na sexta

temporada, talvez devido à mudança no pensamento da sociedade ocorrida durante o tempo em que o seriado esteve no ar.

4.2 *Brooklyn Nine-Nine*

Brooklyn Nine-Nine é uma sitcom estadunidense exibida entre 2013 e 2021, criada por Dan Goor e Michael Schur e inicialmente produzida pela rede de televisão Fox e desde a sexta temporada pela NBC. No Brasil a sitcom está disponível no catálogo de streaming da Netflix e é exibida no canal de televisão por assinatura Warner Channel.

A série acompanha a rotina dos integrantes de uma delegacia da polícia de Nova Iorque. A delegacia é comandada pelo capitão Raymond Holt (Andre Braugher) e também composta pelo sargento Terry Jeffords (Terry Crews), os detetives Jake Peralta (Andy Samberg), Amy Santiago (Melissa Fumero), Rosa Díaz (Stephanie Beatriz), Charles Boyle (Joe Lo Truglio), Michael Hitchcock (Dirk Blocker) e Norm Scully (Joel Miller). Além da secretária Gina Linetti (Chelsea Peretti). Ela inicia centrado principalmente no detetive Jake Peralta, que está acostumado a não seguir regras e a lidar com comandantes que não o fazem cumpri-las, até a chegada do capitão Raymon Holt, um policial que gosta que as regras sejam cumpridas, gerando inicialmente um conflito entre eles e partir daí vemos o desenvolvimento das relações dos personagens. A trama se torna mais complexa ao passar dos capítulos e temporadas, revelando uma história de comédia, mas que ao mesmo tempo oferece críticas sociais.

Segundo Vieira e Debora (2018), a série se encaixa em um nicho de séries que traz tabus e assuntos delicados para a discussão. Para elas, *Brooklyn Nine-Nine* espelha em sua narrativa e montagem de elenco a pluralidade vigente em relações sociais. Sendo a diversidade uma de suas principais bandeiras. Segundo Miao (2021), os personagens são complexos e possuem multifacetas, facilitando assim uma conexão do público com os mesmos. Ao longo de suas oito temporadas, a série recebeu nove indicações ao Emmy, além de ganhar dois prêmios Globo de Ouro, sendo um de melhor série de comédia ou musical e um de melhor ator de comédia ou musical para Andy Samberg.

4.2.1 Sensibilidade masculina

A) Descrição das cenas

Piloto: No episódio piloto, a série introduz o capitão Terry Jeffords, que está afastado do trabalho de campo desde o nascimento de suas filhas. O motivo para tal decisão está no medo que ele criou em se machucar. O sargento segue longe do trabalho de campo durante metade da primeira temporada, devido a preocupação com a criação das filhas. Ele volta a campo apenas no décimo primeiro episódio da temporada em questão, quando se depara com o resto do esquadrão correndo perigo.

No Limbo: No terceiro episódio da primeira temporada, Charles escuta Terry em tom de reclamação dizendo “Não me faça bater em você de novo!” Espantado com o que escutou, ele abre a porta e então se depara com Terry segurando um martelo, tentando construir um castelo.

Figura 44. Terry com martelo na mão construindo um castelo



Fonte: Netflix

Terry então explica que está construindo uma casa de bonecas para o aniversário de suas filhas que é no dia seguinte, ele finaliza dizendo que prometeu a sua esposa que terminaria. Charles então revela que teve uma idêntica quando era criança. Logo a série traz um breve flashback da infância de Charles onde sua irmã reclama de ele estar usando sua casinha de bonecas, onde ele responde que a avó comprou para ambos.

Figura 45. A casinha de bonecas de Charles



Fonte: Netflix

Ele então oferece ajuda, o que Terry prontamente recusa, dizendo que consegue fazer sozinho. Terry diz que apenas está enlouquecendo um pouco com a montagem e pergunta a Charles onde colocar a torre da princesa. Quando Charles responde, Terry exaltado diz “Agora não” e pede um momento para respirar. Charles então se retira da sala.

Quando Charles retorna perguntando se Terry está bem, ele sentado no chão e escorado em um armário de arquivos, responde que o castelo de princesas o derrotou. Ele se mostra indignado dizendo ser um adulto que possui cérebro e mãos de homem, portanto deveria conseguir realizar a tarefa.

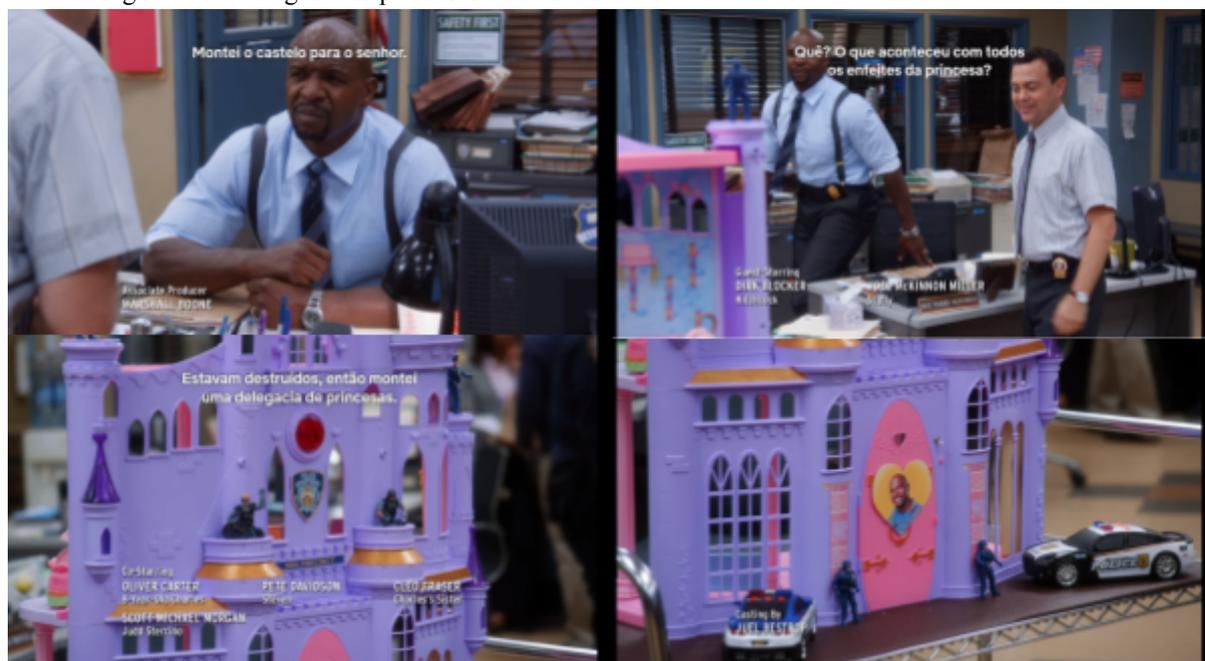
Figura 46. Terry frustrado com o castelo de princesas



Fonte: Netflix

Mais tarde, Charles chama Terry, mostrando que montou o castelo para ele.

Figura 47. A delegacia de princesas de Charles



Fonte: Netflix

Após apresentar a delegacia para Terry, Charles relata que cada coisa necessita de uma habilidade diferente.

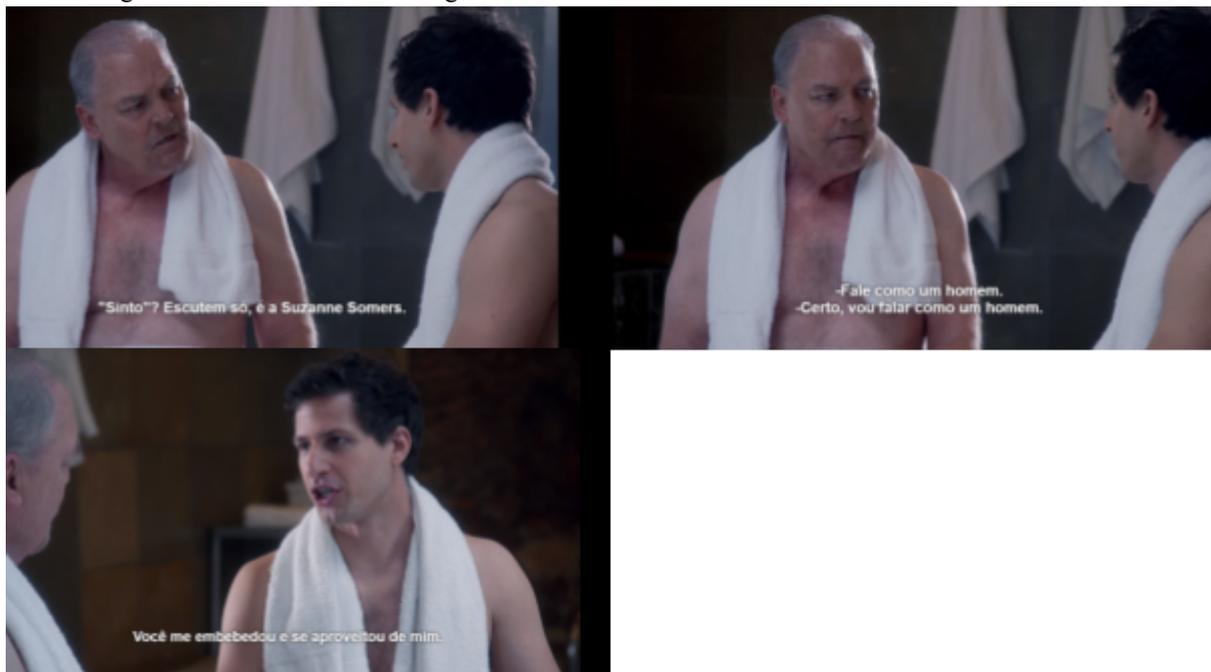
Figura 48. Habilidades delicadas de Charles



Fonte: Netflix

Velha guarda: No oitavo episódio da primeira temporada, Jake encontra seu herói Jimmy Brogan, escritor de seu livro favorito, chamado O Esquadrão, que fala sobre policiais de Nova Iorque dos anos de 1970. Após uma noite de bebedeira, ele acaba falando coisas que se arrependeu depois para o escritor e tenta convencê-lo a não publicar, o que ele acaba encontrando uma certa resistência por parte de Brogan.

Figura 49. Peralta confronta Brogan



Fonte: Netflix

Brogan então pergunta o que ele irá fazer a respeito, os dois se encaram e a série corta para Jake voltando a delegacia, quando é perguntado por Amy como foi e ele acaba contando que o socou. Mais tarde ele é chamado por Holt em seu escritório, que o dá uma bronca perguntando no que ele estava pensando, o que ele responde que fez o que fez para defender a delegacia das coisas que ele mesmo havia dito. Indignado, Holt o envia para casa para colocar a cabeça no lugar.

Mais tarde em uma conversa sobre Jake, entre Holt e Amy, ela diz que Brogan mereceu e percebe que Jake não lhe contou o que realmente aconteceu, chamando Jimmy de homem das cavernas. Após ser persuadida por Holt, ela resolve contar as verdadeiras circunstâncias da agressão.

Figura 50. Jake escolhe não recorrer a violência



Fonte: Netflix

Após dizer que não sabia que Jake iria se molhar nas causa, Jimmy concorda em não publicar as falas, o que deixa Jake aliviado, que fala bem de Holt, dizendo que ele é obstinado, o que causa uma reação negativa em Brogan, que fala que Jake não precisa defender “aquele homossexual”. Sendo este o momento em que Jake diz que gostaria que o escritor não tivesse dito isso e após ele se referir a sexualidade novamente em tom pejorativo, Jake o soca, o jogando na piscina.

Figura 51. Jake defende seu capitão de falas homofóbicas



Fonte: Netflix

Casa de praia: Durante uma viagem para casa de praia, Rosa enfrenta um dilema sobre como agir com seu namorado e para resolver a situação, ela recorre a Boyle. Ao falar sobre as mensagens que estão sendo trocadas, Boyle percebe que a amiga está com dificuldades em responder as mensagens românticas do namorado. Rosa conta que respondeu Marcus o chamando de “bobalhão”, pois estaria o xingando como uma forma de paquerar.

Figura 52. Conselho de Boyle para Rosa



Fonte: Netflix

Rosa se frustra e pensa em desistir, porém Boyle fala que podem consertar a situação. Segundo ele, os dois apenas precisam escrever uma mensagem “doce e sincera” para reanimar a conversa. Ele começa a mensagem chamando Marcus de “querido”, Rosa responde que não chama as pessoas assim e Boyle afirma que agora ela chama.

Mais tarde, em meio a uma festa organizada pelo grupo, Boyle segue aconselhando a amiga na conversa com Marcus. Ele lê a mensagem onde Marcus pergunta o que Rosa está fazendo, seguido de um emoji de beijo, enquanto Rosa pensa na resposta e sugere “Pensando em você”. Após sugerir, ela chama a própria ideia de idiota, o que Boyle responde que é poesia.

Figura 53. Rosa começa a demonstrar o que sente



Fonte: Netflix

Após isso, os dois são interrompidos por Jake, porém mais tarde na mesma festa, Rosa pede novamente a ajuda de Boyle. No entanto, desta vez ele fala que a amiga está pronta para responder sem sua ajuda. Rosa fala que Boyle é muito bom nisso e ela não. Ela diz que realmente gosta de Marcus e não quer estragar a “droga toda”. O que Boyle responde dizendo que é o que ela deveria dizer. Segundo ele, ela deveria pegar aquele sentimento, retirar a palavra “droga” e enviar. Após isso, Marcus responde enviando uma foto sem camisa e Boyle comemora dizendo que eles conseguiram.

Corel Palms parte 3: No terceiro episódio da quarta temporada, Jake conta para Amy que teve de beijar Holt para escapar da prisão.

Figura 54. Jake conta a Amy que beijou Holt



Fonte: Netflix

Logo, pouco antes de saírem enfrentar um criminoso, ele comenta com sua namorada que o capitão tem lábios macios.

Figura 55. Jake comenta que Holt tem lábios macios



Fonte: Netflix

Procurando a Amy: No episódio 18 da quarta temporada, Amy desaparece após prestar a prova para sargento e Jake a encontra em um local de valor sentimental para os dois. Ao tentar acalmá-la dizendo que está tudo bem se não estiver ido bem no exame, ela revela que foi bem, mas que tem receio de que algo mude entre os dois.

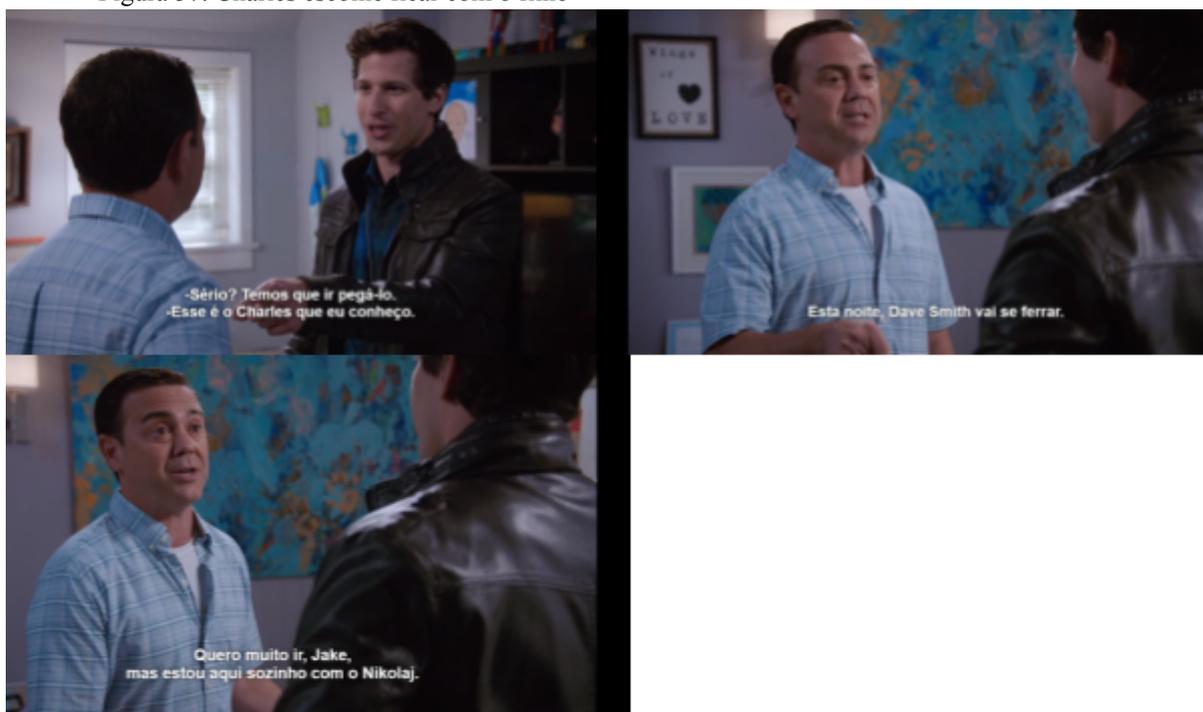
Figura 56. Jake apoia a promoção de Amy



Fonte: Netflix

Turno da noite: No quarto episódio da quarta temporada, Jake recorre a Charles para ajudá-lo fora de seu turno a capturar um fugitivo, porém Charles escolhe ficar cuidando do filho ao invés de seguir o amigo.

Figura 57. Charles escolhe ficar com o filho

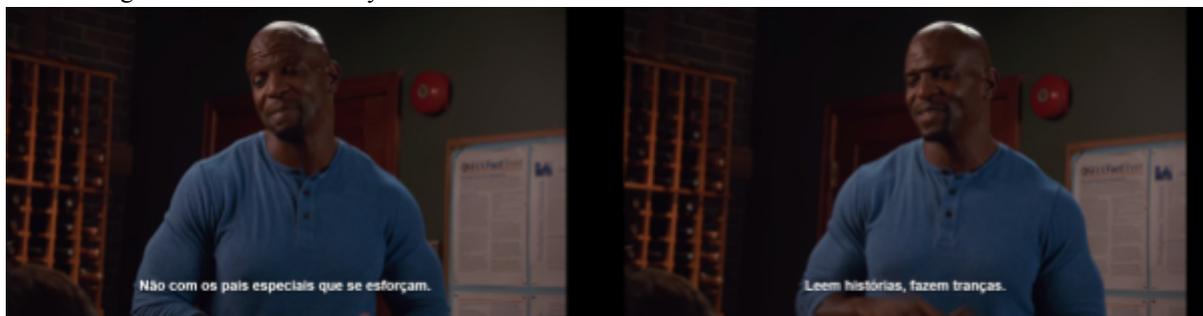


Fonte: Netflix

O monstro do armário: Durante os preparativos do casamento entre Rosa e Pimento, ela acaba se embriagando, juntamente com Boyle. Neste momento, Terry vai até os dois para tentar ajudá-los a ficarem sóbrios novamente e pararem de beber. No entanto, quando Rosa relata que depois de crescer como a “garotinha do papai”, os dois acabaram se afastando.

Terry começa a demonstrar preocupação em que isso aconteça entre eles e suas filhas. Ele então revela que isso não vai acontecer com eles e as filhas, pelo carinho que ele dá às duas.

Figura 58. Relato de Terry sobre seus cuidados com as filhas



Fonte: Netflix

No entanto, após Rosa revelar que seu pai também fazia essas coisas, ele não resiste ao sentimento de preocupação e se junta aos dois para beber e questiona porque de suas filhas não poderem ser bebês para sempre.

Ava: No oitavo episódio da terceira temporada, acontece o nascimento da terceira filha de Terry. Sua esposa entra em trabalho de parto enquanto o sargento não está presente devido ao trabalho. Com o intuito de estar presente para o nascimento da filha, Terry fala para Rosa de forma assertiva de que vai deixar claro para o presidiário que está sendo interrogado o que vai acontecer caso ele não coopere com a investigação.

Figura 59. Terry chora no interrogatório



Fonte: Netflix

Após Terry se abrir com o detento, ele também passa a chorar, fala que irá contar tudo e agradece por poder fazer parte deste momento. Terry afirma que o detento é uma pessoa terrível, mas mesmo assim dá as mão para ele em um momento em que os dois estão visivelmente emocionados.

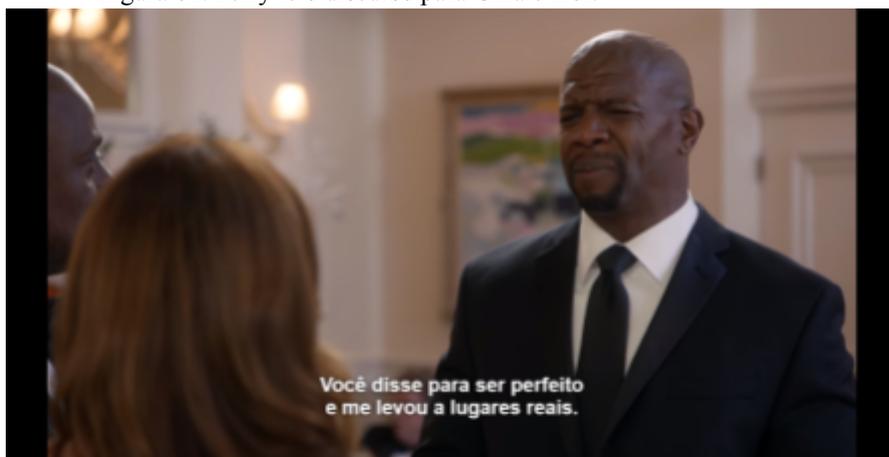
Figura 60. Terry e detento dão as mãos



Fonte: Netflix

Bodas: No episódio 17 da segunda temporada, acompanhamos o casamento do pai de Boyle com a mãe de Gina. Com isso, Terry fica encarregado de realizar o discurso da cerimônia. No entanto, quando ele lê para Gina e para o capitão Holt, ele começa a se emocionar e apresenta dificuldades em ler o discurso, devido a isso. Holt explica para Gina que Terry se emociona toda vez que lê aquele discurso. Gina questiona Terry, dizendo que pensava que ele já havia feito isso antes, mas ele explicou que eram metáforas para exercícios, enquanto no discurso do casamento ele sentiu mais real.

Figura 61. Terry lê o discurso para Gina e Holt



Fonte: Netflix

Após isso, Holt fica encarregado do discurso e durante este momento da cerimônia, Terry se emociona novamente, desta vez com o discurso do amigo.

B) Síntese

Performance da masculinidade: Percebemos que, por mais que esteja tendo dificuldade de montar o castelo, Terry se recusa a aceitar a ajuda de Charles, se recusando de forma categórica e se mostrando incomodado com a ideia de não conseguir montar, pelo fato de ser um “homem adulto”. Isso se relaciona com os pensamentos de Oliveira (2007), pois notamos a preocupação de Terry em se mostrar capaz e provar ser “homem”. Percebemos em Terry uma necessidade de provar ser “homem suficiente” para montar o castelo, inclusive em suas roupas que remetem a alguém que está envolvido em um trabalho braçal e não a um trabalho que necessite de diferentes habilidades para ser realizado. No entanto, durante o restante da série, este padrão não é repetido em Terry e nem em outros personagens principais da série, mostrando uma não preocupação em se provar “homem”. Percebemos a não necessidade disso no episódio em que Jake Peralta encontra o escritor Brogan, pois, apesar das provocações, ele não decide utilizar da violência como forma de se provar. Sendo a violência, segundo Fuller (1997), uma das características tidas como masculinas. No momento em que ele acaba recorrendo à violência, não se trata de defender sua honra ou de se provar, mas sim de defender seu capitão de ofensas homofóbicas. Por fim, percebemos a não necessidade de realizar a performance de masculinidade, como apontada por Fuller (1997), em Jake quando ele comenta sem problemas com sua namorada sobre o beijo que deu em Holt e, quando confrontado por ela, sua preocupação é explicar que não a traiu e não de afirmar sua heterossexualidade.

Papel do homem na família: Podemos perceber como tanto Terry quanto Charles não exercem o papel do homem que os autores descrevem na sociedade patriarcal. Eles se mostram emocionalmente presentes para seus filhos, algo que o homem patriarcal não faz. Ambos inclusive abrem mão de priorizar o trabalho, ou seja, o papel de provedor para estarem presentes na vida de seus filhos. Percebemos isso pelo fato de Terry ter se distanciado do trabalho de campo devido à preocupação com a criação das filhas e pelo fato de que Charles escolhe ficar cuidando de seu filho ao invés de ir com Jake na busca de um criminoso.

Diversidade de masculinidade: Através de Charles, percebemos o pensamento dos autores em relação a padrões de comportamento baseado em gênero. Se distanciando do que Rippon (2016) classifica como “determinismo biológico”. Podemos refletir sobre a intencionalidade da cena em que vemos um flashback da infância de Charles, onde sua irmã se mostra contrária à ideia de ele brincar com sua casinha de bonecas. Através disso,

podemos refletir sobre a intencionalidade dos autores, pois consideramos ser uma cena escrita para causar estranhamento inicial no espectador que esteja mais acostumado com as etiquetas do que se trata o masculino, mostrando uma diversidade de masculinidade.

Seguindo nessa linha, temos Terry e novamente Charles, que, ao contrário do que os autores classificam como papel do homem na família patriarcal, colocam o cuidado aos filhos à frente do papel de provedor. Terry se afasta de seu trabalho para poder cuidar de suas filhas. Ele se mostra extremamente sensível durante toda a série, chorando ao escrever votos de casamento, se diferenciando do que Byington (2017) chama a atenção em relação ao homem que não se permite sentir. É importante ressaltar como Terry é um homem musculoso, de quem, na sociedade patriarcal, se espera ser durão e quem deixa todos com medo, porém, o personagem se mostra o oposto de tudo isso, sendo o mais sensível dos homens da série.

Sensibilidade: Através do pensamento de Byington (2019), podemos ver a mostra de uma quebra no padrão de homem proposto pela sociedade patriarcal em Charles. Ao vermos Boyle mostrando o castelo que criou, vemos os detalhes criados para gerar uma reação emocional em Terry e em suas filhas, por serem detalhes que buscam causar uma reação emocional nos indivíduos. Em sua fala de que diferentes trabalhos necessitam diferentes habilidades, alguns deles de “dedinhos delicados”, Charles faz referência às características tidas como masculinas no início e afirma não ser a única habilidade válida, mostrando a visão dos criadores ao contestar os padrões impostos pela sociedade.

A sensibilidade de Charles aparece claramente no momento em que aconselha Rosa a paquerar o namorado, sendo curioso observar como ele assume o papel que seria teoricamente o da mulher, o do afeto e sensibilidade, enquanto sua amiga assume uma característica que teoricamente seria do homem, o de não expressar sentimentos. A sensibilidade também é muito presente em Terry, que chora com facilidade, podemos inclusive destacar uma cena onde ele chora com um detento, no momento em que pede a sua colaboração para que ele possa acompanhar o nascimento de uma de suas filhas, mostrando que todo homem pode chorar. Outro ponto a ser destacado é como os personagens da série não são julgados pelo fato de suas personalidades sensíveis.

Feminismo pela ótica masculina: Percebemos, no apoio de Peralta em relação à Amy, como o personagem não demonstra uma preocupação no papel de autoridade dado ao homem na família patriarcal. Isso aparece de forma muito clara, especialmente pelo fato de sua namorada assumir um cargo superior ao seu, no local onde ambos trabalham. Além disso, ele mostra ter ciência dos benefícios do homem em uma sociedade onde este possui um papel superior em relação à mulher.

Construção dos personagens: Os personagens masculinos da série se mostram sensíveis e distantes das características padrão do homem, onde eles escolhem não recorrer à violência sem necessidade, por exemplo, sendo uma não necessidade de performar sua masculinidade, sendo algo que todos eles têm em comum.

4.2.2 Diversidade sexual e familiar

A) Descrição das cenas

Piloto: Em seu episódio piloto, a série *Brooklyn Nine-Nine* nos apresenta ao capitão Raymond Holt e ao distrito policial 99, da polícia de Nova Iorque, delegacia da qual acompanhamos a rotina. É neste episódio que a homossexualidade de Holt é revelada.

Durante o episódio piloto, a homossexualidade do capitão Raymon Holt é revelada durante uma conversa com Amy e Peralta. É nesta conversa em que somos apresentados a história a sua luta até chegar a um posto de comando na polícia de Nova York. Sendo a unidade que a série acompanha sua primeira oportunidade de comandar uma delegacia policial, na cena em questão os três estão em uma tocaia policial quando Peralta pergunta a Holt o motivo para que este tenha demorado tanto tempo para chegar a uma posição de comando apesar de suas proezas como policial.

Figura 62. Holt revela o motivo da demora para ter seu próprio comando



Fonte: Netflix, 2021.

Após Holt revelar o motivo pela demora para chegar a um posto de comando, ele revela estar surpreso que Peralta não soubesse, pois não tenta esconder. Após sermos lembrados de cenas do episódio que deixavam pistas em relação a sexualidade de Holt, Peralta se mostra decepcionado consigo mesmo por não ter percebido.

Figura 63. Peralta se frustra e afirma não ser um bom detetive



Fonte: Netflix, 2021.

Durante esta conversa, o personagem conta que encontrou obstáculos pelo fato de ser um policial abertamente gay. Primeiro afirmando que inicialmente o departamento não estava pronto para isso e após a mudança de geração, sua sexualidade passou a ser usada para promover a imagem da instituição, sendo o momento que foi tornado capitão, pois o departamento queria usar a oportunidade para mostrar que tinham um policial gay de alta patente. Após chegar a este posto, Holt foi transferido para a unidade de Relações Públicas, ajudando no recrutamento, até que enfim teve a oportunidade de comandar seu próprio distrito.

Novo relacionamento: No quarto episódio da primeira temporada, a série trabalha a forma de Raymond Holt expressar seus sentimentos. Amy acredita que ele está de mau humor, porém, escuta Rosa contando que ao entrar na sala de Raymond, vê-lo de cara fechada

e perguntar se ele está bem ou se teve um final de semana duro, ela escutou ele dizendo que teve um final incrível, ele relata que foi a Barbados com o marido, onde os dois fizeram chapéus com folhas de palmeira e que ele nunca esteve tão feliz, porém, isso não é demonstrado pela feição de seu rosto.

Figura 64. Falta de emoção na felicidade de Holt



Fonte: Netflix

Mais tarde, após Amy descobrir o motivo que o levava a estar triste, ele elogia o quadro pintado por Terry, dizendo que levará para sua casa e que seu marido ficará muito contente em vê-lo tão feliz

Figura 65. A feição de felicidade de Holt



Fonte: Netflix

Festa de aniversário: No episódio 16 da primeira temporada de *Brooklyn Nine-Nine*, a série apresenta o marido do capitão Holt através de sua festa de aniversário. Kevin é um professor da Universidade de Columbia. Inicialmente o esquadrão pensou que Holt não os queria lá, porém Amy, se deparam com a recusa de Kevin em ouvir histórias de policiais e

mais tarde na festa, Peralta, Amy e Terry ouvem acidentalmente uma briga do casal onde Kevin revela não gostar de policiais.

No dia seguinte, Jake vai até o escritório de Kevin para revelar sua recente descoberta, ele lista os três motivos que o incomodaram na noite anterior, sendo o primeiro o fato de que Kevin não os queira na festa mesmo sem conhecê-los, o segundo o fato de que seus amigos imediatamente perguntaram se Hitchcock e Scully haviam sido atacados no departamento e o terceiro a foto abaixo na biblioteca do casal.

Figura 66. Foto na estante de Kevin e Holt



Fonte: Netflix

Nesta foto vemos Holt e Kevin isolados dos demais casais e a partir disso, Jake conclui que Kevin na verdade não gosta de policiais e não de histórias de policiais, devido aos abusos sofridos por Holt.

Figura 67. Relato de Kevin sobre preconceito sofrido



Fonte: Netflix

Após isso, Kevin finaliza que amar Holt não significa amar as pessoas que trabalham com ele. O episódio é então finalizado com o departamento organizando um jantar para os dois como forma de pedir desculpas por terem arruinado a festa original.

Figura 68. Brinde Kevin e Holt



Fonte: Netflix

Bodas: Após assumir a tarefa de realizar o discurso da cerimônia de casamento. No entanto, após a leitura, Terry aponta que parece um pouco impessoal e perguntou o que o juiz perguntou no casamento entre Holt e Kevin. Ele então explica que quando o casamento gay

foi legalizado, eles não sabiam se seria banido novamente e por isso era essencial que o casamento fosse rápido.

Coral Palms - Parte 3: No terceiro episódio da quarta temporada, Jake e Holt se encontram presos em um cidade do interior dos Estados Unidos, onde inicialmente os dois criam um plano de fugir criando uma briga na cadeia para que o xerife tenha de intervir, porém esse plano não funcionou e Jake tem a ideia de os dois se beijarem, o que causa imediata reação por parte do xerife, o que os permite fugir da cadeia.

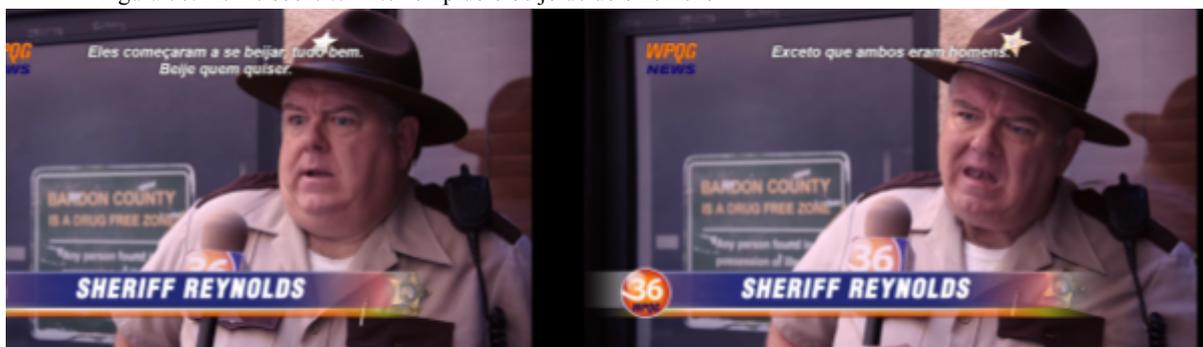
Figura 69. Jake e Holt se beijam



Fonte: Netflix

Após isso, os dois fogem da cadeia e no dia seguinte, no jornal local, o xerife dá uma entrevista sobre a fuga e sobre ter entrado na cela para separar o beijo dos dois.

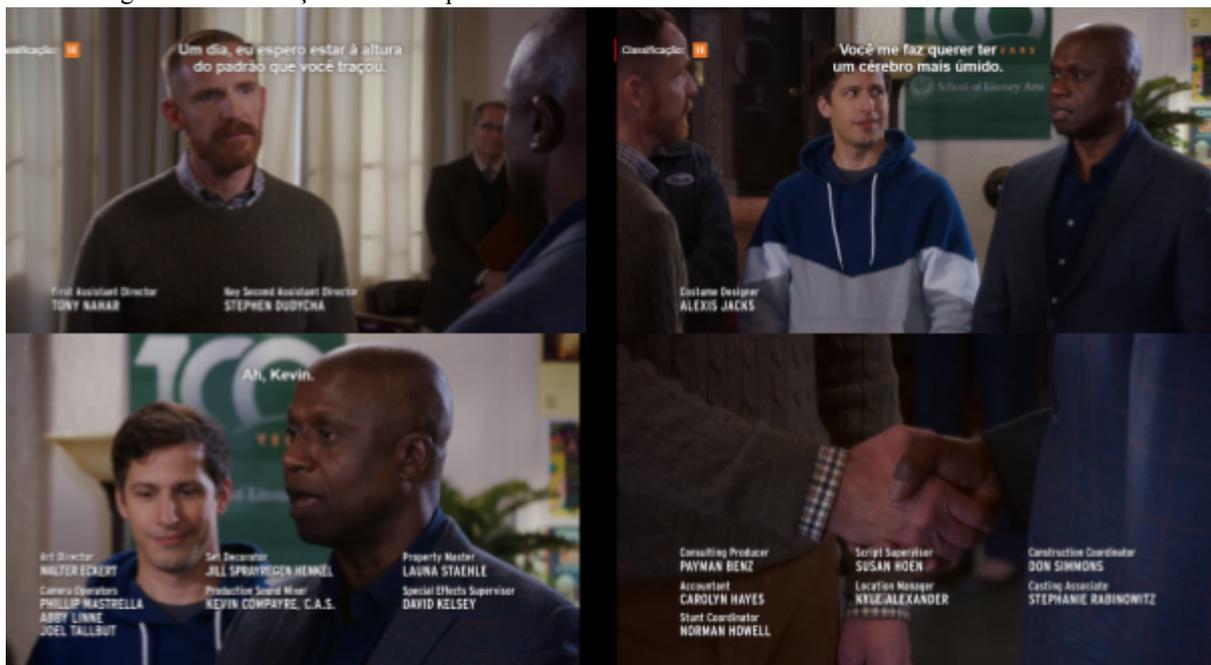
Figura 70. Xerife sobre ter interrompido o beijo de dois homens



Fonte: Netflix

A dondoca: No décimo terceiro episódio da sexta temporada, Holt e Peralta investigam um crime ocorrido na universidade de Kevin. O episódio mostra como Holt é subestimado intelectualmente pelos colegas do marido. No entanto, no final do episódio, após os policiais resolverem o crime, um dos colegas de Kevin insiste em insinuar que Holt não é suficientemente inteligente, o que leva o professor a defender o seu esposo. Segundo Kevin, Raymond Holt é tão inteligente quanto qualquer um deles, mas escolheu usar sua inteligência para tornar a cidade um lugar melhor. Ele então finaliza sua declaração para Holt.

Figura 71. Declaração de Kevin para Holt



Fonte: Netflix

Vemos Kevin dizendo que Holt o faz querer ter um cérebro mais úmido, pois segundo eles é como um cérebro inteligente deve ser. Após a declaração, os dois finalizam o ato romântico com um aperto de mão.

Gintars: No décimo episódio da sexta temporada, Charles e Jake se deparam com um desconhecido os seguindo à procura de Charles Boyle. Ele então se apresenta como o pai biológico de Nicolaj, Gintars. Na delegacia ele conta sua história para os detetives e revela que apesar de não querer levar o filho de volta, ele quer conhecê-lo.

Os dois então concordam em levá-lo para conhecer o filho, sem revelar sua verdadeira identidade. Pouco após Gintar começar a conversar com Nicolaj, ele acaba revelando sua verdadeira identidade. Charles diz ao filho que Hanukha, o nome fictício inventado para Gintar, é na verdade louco e disse isso por não ter seus próprios filhos. Os dois demonstram uma rivalidade ao discutir a pronúncia correta do filho. Após admitir que não conseguiu se

controlar, Gintar pede para passar um tempo com um menino durante sua estadia nos Estados Unidos.

Mesmo concordando em deixar os dois passarem um tempo juntos, Boyle os assiste jogando basquete com preocupação, se questionando se foi uma boa ideia, o que Jake responde que Nicolaj parece estar se divertindo.

Após alguns minutos, Nicolaj volta perguntando para Boyle se podem ir para casa. No entanto, o menino chama Gintar de “Papai Gintar”, o que gera um choque em Charles e uma reação de felicidade em seu pai biológico.

Figura 72. “Papai Gintar”



Fonte: Netflix

Por ver o sofrimento do amigo, Jake decide denunciar Gintar por contrabando, para que ele seja preso e deportado. No entanto, para sua surpresa, ao final do episódio, Charles se encontra em um processo de aceitação de Nicolaj com seu pai biológico. Ele afirma que o filho está muito feliz desde que conheceu Gintar e que ele estava focando muito em si mesmo e não em Nicolaj e que não havia percebido o que significava para o filho saber que não havia sido abandonado. Ao fim do episódio, Boyle ainda está bravo com Jake por causar a deportação de Gintar e inicia uma fala sobre adoção.

Figura 73. Charles fala sobre a adoção de Nicolaj

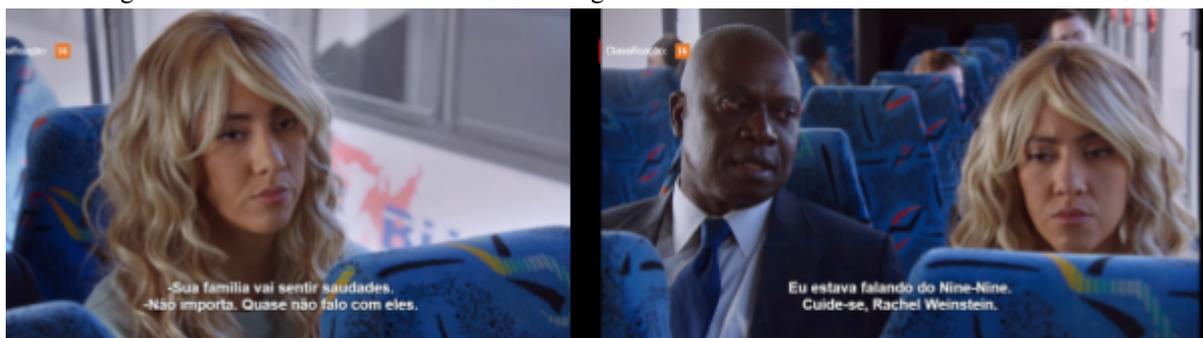


Fonte: Netflix

Ele encerra sua fala dizendo que tudo que pode fazer é protegê-lo e dar o máximo de amor que puder. Jake responde que Nicolaj tem muita sorte de tê-lo.

Episódio Crime e punição: No vigésimo segundo episódio da quarta temporada, Rosa planeja uma fuga para Argentina usando um nome falso para fugir do julgamento onde está sendo acusada injustamente, porém Holt vai até ela e a convence a ficar pela sua família.

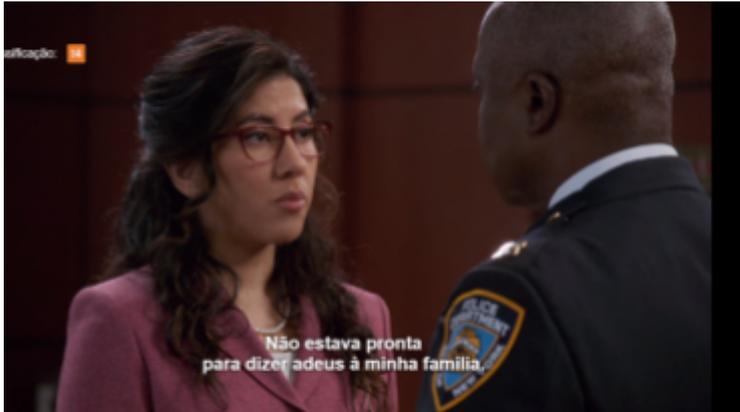
Figura 74. Holt tenta convencer Rosa a não fugir



Fonte: Netflix

Após a conversa com o capitão, ela decide enfrentar o julgamento por sua família.

Figura 75. Rosa fica por sua família



Fonte: Netflix

Atrás das grades: No quinto episódio, após a prisão de Rosa e Jake, Amy recebe uma proposta de um mafioso para ajudar, porém, ela ficaria devendo um favor para ele, assim que fica sabendo da ideia, o capitão Holt a convence de que não é uma boa ideia, porém mais tarde no mesmo episódio, ele secretamente aceita a oferta e usa a informação para tirar seus detetives da prisão. Ao fim do episódio ele recebe uma ligação do mafioso dizendo que lhe deve uma e mantém uma feição séria enquanto sem saber disso, seus comandados comemoram a soltura de Jake e Rosa.

99: No nono episódio da quinta temporada, em uma viagem para Los Angeles, Holt propositalmente cria situações para atrasar o retorno para Nova Iorque, onde ele tem uma reunião sobre se tornar comissário marcada. Eventualmente a equipe de detetives percebe isso e o questiona sobre o motivo, o que ele responde que alguém que o fez um favor um tempo atrás o está cobrando agora, resposta que leva Amy a imediatamente fazer a relação com a oferta do mafioso para ajudar a tirar dois dos detetives da prisão.

Figura 76. Os detetives descobrem o que Holt fez por eles



Fonte: Netflix

Jake se referir a Holt como figura paterna não acontece apenas neste episódio, mas também no primeiro episódio da sétima temporada, ele se refere a Holt como capitão pai, termo que também foi utilizado por Amy em um episódio da terceira temporada, todas as vezes de forma acidental. Após descobrirem o motivo, os detetives em uma fala emocionada dizem dividir a responsabilidade com Holt, pois algo que ele os ensinou é que são uma equipe.

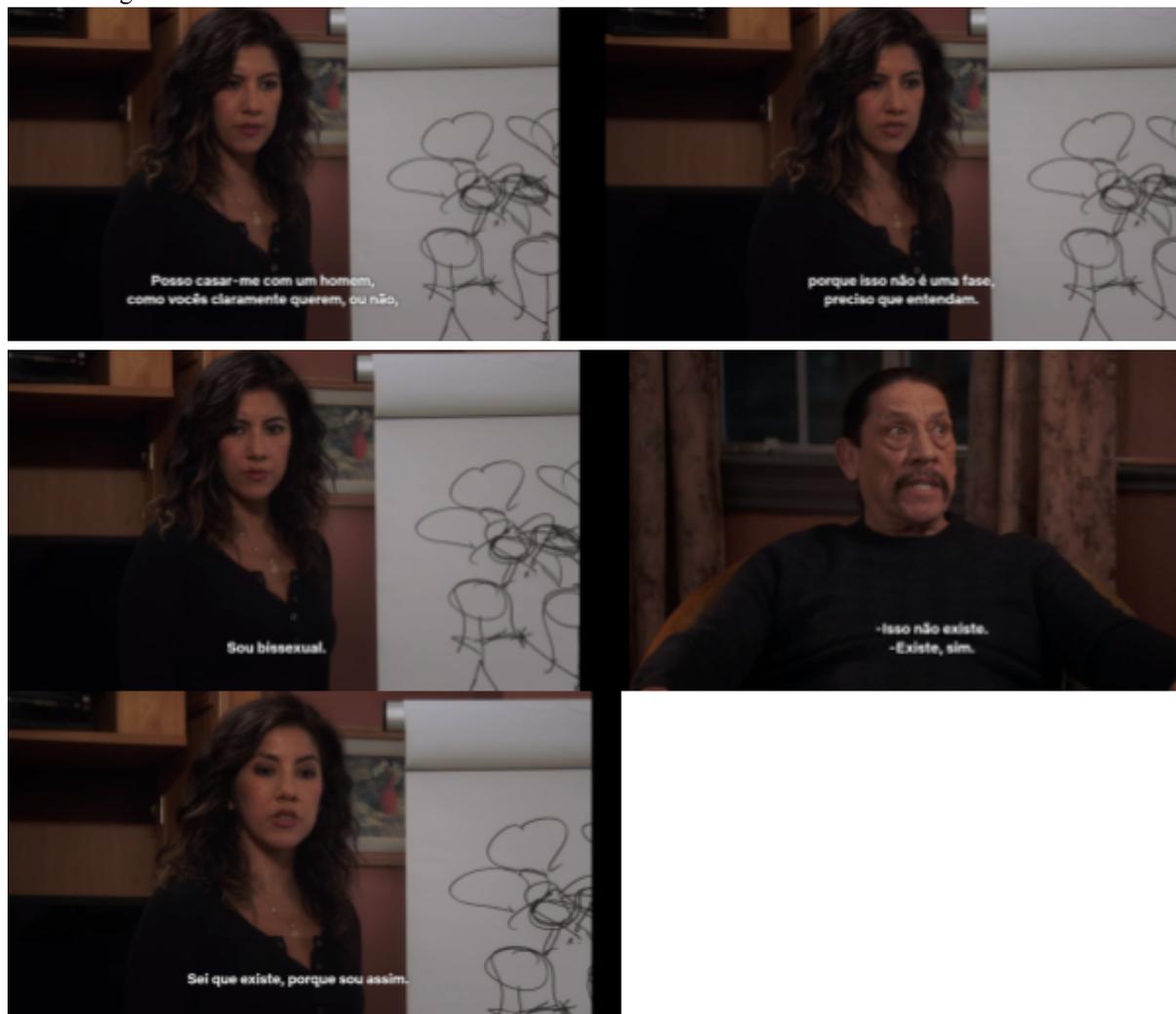
Figura 77. A Nine-Nine como uma equipe



Fonte: Netflix

Noite de jogos: No décimo episódio da quinta temporada, Rosa decide revelar a seus pais sua bissexualidade, o que havia sido recentemente revelado pela série. Ela demonstra nervosismo em dividir isso com eles e pede para Jake acompanhá-la no jantar com seus pais, que inicialmente pensam que os dois estão namorando. No entanto, ao ver as fotos de Jake e Amy juntos na tela de celular do detetive, Rosa conta que os dois estão noivos e para sua estranheza seus pais agem com naturalidade e ela ser amante de um homem comprometido. Logo ela se revolta, conta sobre sua bissexualidade e deixa o restaurante. No entanto, no dia seguinte, seu pai vai encontrá-la em seu local de trabalho com uma atitude totalmente diferente. No dia seguinte, os pais de Rosa a convidam juntamente com Jake para uma noite de jogos em família, dando uma aparência de que está tudo certo para eles. No entanto, ambos se convencem de que não se trata de uma fase e que sua filha irá se casar com um homem.

Figura 78. Rosa se assume bissexual



Fonte: Netflix

Mais tarde no episódio, o pai de Rosa vai a seu encontro em seu local de trabalho com uma atitude totalmente diferente.

Figura. 79 A aceitação do pai de Rosa



Fonte: Netflix

Apesar de o pai aceitar, a mãe de Rosa ainda segue resistente a aceitar a sexualidade da filha e por isso seu pai diz que pensar seria melhor no momento cancelar as noites de jogos, uma tradição da família. No entanto, naquela noite, seus colegas aparecem em seu apartamento para que tenham a noite de jogos.

B) Síntese

Homofobia: Percebemos a rejeição sofrida por Holt e abuso enfrentados em seu local de trabalho, onde, devido a sua sexualidade, enfrenta dificuldades extras para conseguir realizar seu sonho de vida, neste caso se tratando de uma posição de comando na polícia. Por se tratar de um local tido no senso comum como masculino, a ascensão de Holt a um cargo de autoridade carrega um peso maior em comparação ao que seria em outros locais. Podemos citar Ferrão, Coacci e Carvalho (2019), que apontam que a homofobia pode aparecer de diversas formas e o seriado mostra isso claramente, nos momentos de flashback de Holt, onde por mais que ele não seja fisicamente agredido, ele passa por obstáculos devido a sua sexualidade, no caso específico de seu personagem, sua cor também é um fator. Podemos considerar estas dificuldades enfrentadas por Holt como homofobia a nível institucional.

Abordagem da série: Os personagens homofóbicos da série são retratados de uma forma que deixa claro o posicionamento dos criadores, pois notamos como eles são escritos de uma forma a representar esses personagens como retrógrados, como Brogan e o xerife do interior, sendo ainda válido citar os policiais da época em que Holt entrou na polícia. Na fala de Peralta, no episódio Piloto, percebemos um tratamento dado pela série de naturalização da diversidade sexual, onde a homossexualidade de seu capitão não é encarada como um tabu por seus comandados. Na sociedade, a diversidade costuma ser um tema delicado de ser tratado, porém, em *Brooklyn Nine-Nine*, os criadores mostram uma visão de como acreditam que deveria ser tratado, com naturalidade.

Novo arranjo de família: A série nos traz um modelo de multiparentalidade com dois pais, no caso de Charles e Gintar. Neste caso, a série apresenta uma criança que, além do pai e da mãe adotivos, possui o pai biológico em sua vida, que ele, com naturalidade, chama de pai Gintar, mesmo sem deixar de chamar Charles de pai. No final do episódio em que Gintar é introduzido, vemos a fala de Charles onde fica claro o que os autores trabalhados apresentam como a visão mais atual daquilo que é considerado família, onde ela é definida por questões afetivas e não mais de sangue.

Amigos como uma forma de família: Podemos perceber como o departamento acaba por se tornar uma espécie de família, onde o capitão Holt assume o papel de pai de seus comandados. Percebemos isso no momento em que ele assume um risco que impediu Amy de correr e mantém isso em segredo como se sua função fosse a de protegê-los. Segundo Byington (2017), a função do pai patriarcal é proteger mulheres e crianças. Por mais que Holt não possa ser considerado um homem patriarcal, ele assume esse papel ao protegê-los de perigos e ao assumir o papel de aconselhamento, outra forma de proteção. Ao abordar Rosa, ele a convence a ficar, utilizando o argumento de que o departamento é sua família e, com base nos autores trabalhados, podemos considerar se tratar de uma família devido aos laços afetivos. Esses laços são constatados em diversos momentos, como quando a equipe se junta para levar Holt a Nova Iorque para sua entrevista: podemos interpretar que, no momento em que Jake diz que eles são uma equipe, fica subentendido que se trata de uma família.

Pensamento da sociedade: Podemos observar o momento em que Holt relata como costumava ser tratado por seus colegas em outras épocas, expondo como os criadores da série enxergam a mudança de pensamento da sociedade desde os anos 1980 e chegando até os dias atuais. A sexualidade de Holt passou de ser algo condenável, a ser algo utilizado pelo departamento de comunicação como uma excepcionalidade a ser utilizada para a promoção da imagem da instituição, mostrando um tipo diferente de obstáculo, até chegar a uma naturalidade onde é parte da rotina e vemos isso na abordagem da série, onde podemos citar o exemplo de que, após a revelação da sexualidade de Holt, a reação mais forte dos outros personagens está na frustração de Peralta por não ter percebido algo que estava ao seu redor, explicitado na fala “Droga!”. A série também nos traz uma maior diversidade ao trazer uma personagem bissexual, que se sente segura nisso, sabendo que gosta tanto de homens como de mulheres e, apesar da insistência de sua família em dizer que se casará com um homem, ela afirma que pode ser tanto com um homem quanto como uma mulher e quando seu pai insinua que bissexuais não existem, ela diz que existem, porque ela é assim.

Construção dos personagens: Podemos perceber como Holt e Kevin foram construídos de uma forma que vá em uma direção oposta daquilo que é o estereótipo do homossexual, que segundo a descrição de Foucault (1999), possui características adequadas ao gênero feminino. Pelos autores trabalhados, podemos ver que a ausência da demonstração de sentimentos é característica masculina. Talvez Holt e Kevin não se enquadrem totalmente nisso e nem sigam as demais características do homem patriarcal, mas certamente foram construídos de forma a distanciar do estereótipo homossexual, enquanto Rosa, se mostra como não sendo indecisa em relação a sua sexualidade, um típico estereótipo que pessoas

bissexuais enfrentam. Ela categoricamente fala para seu pai que bissexuais existem, mostrando estar segura de sua orientação sexual.

4.3 Síntese comparativa

4.3.1 Sensibilidade masculina

Performance da masculinidade: Enquanto em *Friends* vemos constantes necessidades dos personagens em provar sua masculinidade e sua heterossexualidade, não vemos isso presente nos personagens de *Brooklyn Nine-Nine*. Enquanto Ross, Chandler e Joey costumam esconder sua sensibilidade e choram apenas escondidos, Terry, por exemplo, chora facilmente e, apesar de ser um personagem com características físicas masculinas, como força, ele se sente seguro em mostrar sua sensibilidade, assim como os demais personagens, como Charles. Podemos comparar o momento em que Chandler faz as sobrancelhas de Joey com o momento em que Charles monta uma casinha de princesa para ajudar um amigo. Enquanto Chandler e Joey fazem de forma escondida, Charles não tem vergonha de saber montar uma casinha e de falar que já teve uma quando criança, situação contrastante à envolvendo Ross, que tem vergonha de seu passado quando se vestia com as roupas da mãe.

Sensibilidade: Em *Brooklyn Nine-Nine*, percebemos como os personagens não tem problema com seu lado sensível, sendo abertamente exibido por personagens como Charles e Terry, enquanto que, em *Friends*, essa característica aparece de forma oprimida, havendo uma mudança nas últimas temporadas onde os personagens masculinos já não possuem um receio em chorar, porém, seguem oprimindo questões tais como cuidado com o corpo. Apesar disso, podemos afirmar que, em suas últimas temporadas, os personagens homens de *Friends* estão mais próximos no quesito sensibilidade dos personagens de *Brooklyn Nine-Nine* do que de si mesmos em temporadas atrás.

Papel do homem na família: Consideramos que, em *Friends*, o papel do homem na família é, nas primeiras temporadas, mais próximo do homem patriarcal, como vemos em Jack Geller, porém, vemos em Chandler uma diferença nisso, onde ele não se preocupa em ser o provedor, inclusive sendo sustentado por Monica por um período de tempo, sem se sentir ameaçado por isso.

Enquanto em *Brooklyn Nine-Nine*, o homem jamais aparece no papel de provedor em qualquer casal da série e os personagens em questão mostram estar sentimentalmente presentes na vida dos filhos. Terry e Charles não ocupam o papel de provedor na vida de

seus filhos, mas sim um papel sentimental, diferentemente do pai de Ross em sua vida que, por sua vez, não demonstra ser muito presente na vida do filho, devido aos poucos episódios em que Ben participa.

Diversidade na masculinidade: Consideramos que ambas as séries mostram uma certa diversidade na masculinidade, porém, no caso de *Brooklyn Nine-Nine*, ela se mostra mais evidente, principalmente por esta diversidade ser mais intensa e mais distante do esperado. Ela nos apresenta Terry, que, apesar de ser um homem musculoso, é extremamente sensível, além de Charles, que assume o papel de conselheiro sentimental de Rosa de uma forma totalmente diferente de como Chandler e Joey são para Ross, onde os dois buscam incentivar Ross a voltar a “ativa” sem considerar seus sentimentos. Joey, particularmente, se mostra decepcionado com Ross por seu lado sentimental no relacionamento com o gênero oposto. Em *Brooklyn Nine-Nine*, Charles incentiva a amiga a utilizar seus sentimentos, a levando a expressar aquilo que sente pelo namorado, em um momento nunca visto em *Friends*, de um homem dar conselhos afetivos de forma a priorizar os sentimentos.

Por fim, podemos reparar como, em *Friends*, a sensibilidade é retratada como uma característica feminina, enquanto que, em *Brooklyn Nine-Nine*, é algo normalizado nos personagens masculinos, sem relacionar com o feminino, se diferenciando da ideia que Byington (2019) aponta como presente na sociedade em que o lado sensível do homem é seu lado feminino. Em *Brooklyn Nine-Nine* vemos essa sensibilidade retratada como parte da personalidade de seus personagens masculinos, sem realizar qualquer referência ao feminino nos momentos em que este traço de personalidade de seus personagens é demonstrado.

O feminismo pela ótica masculina: Podemos comparar diretamente a reação de Jake com Amy estar em um cargo acima do seu com Ross vendo Rachel sendo bem sucedida. No caso de Jake, ele escolhe apoiar e passar segurança a sua parceira que, inicialmente, se mostra preocupada que algo mude entre eles, porém, o que acontece é que Jake lhe dá total apoio, além de se mostrar orgulhoso ao dizer que sempre soube que ela seria um dia sua chefe. Sendo esta reação completamente diferente da de Ross em relação a Rachel, pois de forma não dita ele espera que ela abra mão do trabalho de seus sonhos por causa dele. Com isso, podemos perceber como, em *Friends*, vemos retratada uma masculinidade tóxica nessa situação, enquanto *Brooklyn Nine-Nine* faz a retratação de uma masculinidade saudável em cena semelhante. Além disso, a forma com que a cena de Ross e Rachel foi escrita não fica claro que ela se trata de uma denúncia em relação ao comportamento de Ross, enquanto que, em *Brooklyn Nine-Nine*, consideramos estar claro que a série busca mostrar a sua visão de como os homens deveriam agir em uma situação onde suas parceiras são bem sucedidas.

Construção dos personagens: Consideramos que os personagens masculinos de *Friends*, principalmente nas primeiras temporadas, seguem um modelo mais próximo do padrão, buscando a performance da masculinidade e reprimir seus sentimentos, o que muda um pouco nas temporadas finais. Enquanto isso, em *Brooklyn Nine-Nine*, os personagens não seguem um padrão imposto pela sociedade e não possuem uma necessidade em performar sua masculinidade.

4.3.2 Diversidade sexual e familiar

Homofobia: Percebemos como, em *Brooklyn Nine-Nine* a homofobia está muito presente, embora não praticada por seus personagens principais, enquanto que, em *Friends*, Ross sofre bullying por perder sua esposa para outra mulher, porém, não presenciamos homofobia contra as duas de forma muito clara. Enquanto isso, em *Brooklyn Nine-Nine*, é praticada por personagens retratados como retrógrados, onde percebemos claramente a posição dos criadores da série contrários a esta prática e as retratando como absurdas. *Brooklyn Nine-Nine* retrata a homofobia de forma aberta, como uma crítica social, enquanto *Friends* se mostra tímido em relação a isso, possivelmente porque na época em questão não existia abertura para se fazer isso de forma mais clara.

Configurações familiares: Em *Friends*, vemos uma maior diversidade em relação a modelos familiares. A série inicia trazendo um modelo de multiparentalidade, composto por Ross, Susan e Carol e também apresenta a situação de Phoebe, que realiza uma inseminação artificial para carregar os filhos do irmão com Alice. Os dois recorrem a isso pelo fato de Alice ser muito mais velha que Frank, não podendo mais carregar filhos. Como visto em nossa revisão teórica, um casal onde a mulher é mais velha que o homem segue sendo um tabu nos dias atuais e, por fim, a adoção de Monica e Chandler, onde eles interagem ativamente com a mãe da criança antes do nascimento.

Em *Brooklyn Nine-Nine* nos apresenta a adoção por parte de Charles e introduz o pai da criança, criando uma multiparentalidade, porém, é algo muito menos tratado do que em *Friends*. Quando tratado, não mostra ser um tabu para a sociedade em questão. Isso nos mostra que, nos anos de 1990, já há certa abertura para falar sobre diversidade familiar e retratar diferentes modelos, porém, quando retratados, os modelos são mostrados como tabus; já nos anos de 2010 e 2020, são tratados como sendo algo cotidiano.

Amigos como forma de família: Podemos interpretar que o círculo principal de amigos em *Friends* se trata de uma forma de família, porém, isso não é dito de forma clara pelos

personagens, diferentemente de *Brooklyn Nine-Nine*, onde isso é dito de forma explícita e clara. Isso não invalida a relação entre os amigos de *Friends*, mas nos ajuda a entender o pensamento da sociedade em questão em respeito ao assunto, pois, no caso de *Friends*, podemos considerar que os criadores, por mais que tenham escrito de uma forma que podemos interpretar se tratar de uma família, a sociedade em questão talvez não expanda o entendimento de que um grupo de amigos pode ser considerado família, enquanto na sociedade atual sim. Com isso, os criadores trazem Holt usando a palavra família para se referir ao departamento, além de os criadores trazerem um efeito cômico ao trazer os personagens chamando Holt de pai em alguns momentos, que é o papel que ele acaba por desempenhar.

Pensamento da sociedade: Enquanto, em *Friends*, podemos ver a sociedade adaptando-se às ideias relativas à diversidade sexual e a diversidade familiar, sendo necessário que os assuntos sejam introduzidos de forma implícita, onde o pai de Chandler é trazido como uma drag queen, pois encaixa no estereótipo da época de como se imagina um homem gay, portando características tidas como femininas. Como vimos na revisão teórica, se trata de a década em que a diversidade sexual passa a ser pauta novamente e como podemos observar ainda é retratada de forma estereotipada, como no caso de Charles ou Helena, que é uma drag queen, o que encaixa no estereótipo do homem homossexual, apesar de se tratar de uma mulher trans. Enquanto em *Brooklyn Nine-Nine*, Holt é um capitão de polícia, algo que produz uma quebra no estereótipo, trazendo um homem gay diferente do estereótipo descrito por Foucault (1999), mostrando também que o homossexual pode estar em um ambiente considerado masculino e exercer um cargo de autoridade.

A série *Friends* apresenta uma maior quantidade de diferentes arranjos de família e podemos refletir que isso se deve por ser um dos assuntos pautados na época, onde percebemos se tratar de uma década de constantes mudanças. Como vimos na revisão teórica, se trata de a década em que a diversidade sexual passa a ser pauta novamente e como podemos observar ainda é retratada de forma estereotipada, como no caso de Charles ou Helena, que é uma drag queen, o que encaixa no estereótipo do homem homossexual, apesar de se tratar de uma mulher trans.

Abordagem da série: Percebemos como em *Friends* o assunto homossexualidade não aparece com tanta abertura como em *Brooklyn Nine-Nine*. A série *Friends* apresenta o primeiro casal lésbico da televisão, porém, não há nenhuma cena de beijo. Enquanto isso, *Brooklyn Nine-Nine* nos traz um casal gay, onde também não há cenas de beijo, porém, consideramos a ausência do beijo entre Holt e Kevin uma estratégia dos criadores para

chamar a atenção justamente pela falta deste, onde se cria um clímax na cena, deixando os espectadores com a expectativa de um beijo entre os dois e eles escolhem demonstrar seu afeto com um aperto de mão. No entanto, em *Friends*, a ausência do beijo se mostra ser devido a uma menor abertura no assunto e constatamos isso pelo fato desta ausência não ter qualquer efeito cômico.

Construção dos personagens: Percebemos que, enquanto *Friends*, traz personagens que seguem um estereótipo, *Brooklyn Nine-Nine* traz o extremo oposto, trazendo personagens que são o inverso daquilo que é esperado pela sociedade.

5 Considerações finais

A partir da análise, consideramos ter chegado em alguns achados e também em algumas perguntas que podem ser levadas em consideração por outros trabalhos:

Diferentes épocas, diferentes estratégias de escrita: Percebemos como nos anos 1990 se faz necessária uma forma implícita de para tocar-se no assunto homossexualidade, onde inicialmente se introduziu apenas personagens lésbicas. Chegamos nessa consideração pelo fato de *Friends* ter escolhido um casal lésbico e pelo fato de o primeiro beijo homoafetivo e a primeira protagonista homossexual da televisão se tratarem todas de mulheres, o que nos mostra um padrão da época. Sendo Charles ou Helena uma personagem transexual, que, na série, é tratada como um homem gay, tendo sido introduzida apenas na sexta temporada da série. Uma hipótese que levantamos é a de que esse padrão foi criado a partir da ideia de usar-se do fato de um erotismo masculino ser o de ver duas mulheres juntas. Portanto, uma estratégia para se quebrar a homofobia acaba sendo de usar essa fantasia, não através de casais altamente sexualizados, mas de fazer-se o uso de uma menor resistência contra essas personagens em relação ao que seriam dois homens, fazendo uso da abertura que se há na época dando início no assunto, para que depois se possa falar de forma mais aberta e diversificada. Enquanto isso, no presente, isso se mostra algo possível de ser abertamente falado, talvez influenciado pelas produções de onde era necessário se falar de forma mais implícita. Atualmente, pode-se inclusive mostrar com mais tranquilidade o beijo de pessoas do mesmo gênero, o que não acontecia nos anos de 1990, tanto que não há nenhum beijo entre o casal lésbico em *Friends*. Embora não haja cenas de beijo entre Kevin e Holt, principal casal homoafetivo de *Brooklyn Nine-Nine*, consideramos se tratar de uma técnica específica de escrita, levando em conta a construção destes personagens ao invés de não ser feito devido a abertura da época.

Tabu vs naturalização: Percebemos como a série *Friends* coloca em cheque muitos tabus, tais como multiparentalidade, casal homoafetivo, dentre outros, porém, em *Brooklyn Nine-Nine* percebemos como um claro objetivo dos criadores é o de defender a não existência de tabus, além de um crença onde as características do indivíduo não são definidas pelo seu gênero de nascimento. Isso pode ser exemplificado no momento em que Jake se choca mais com seus talentos de detetive do que com o fato de Holt ser um capitão homossexual, mostrando não haver motivo para que tal situação seja digna de choque. Diferentemente de *Friends*, onde os próprios personagens mostram desconhecimento em relação aos assuntos e estranheza, como no momento em que Monica se choca ao ver pai de Chandler pela primeira

vez. A ressalva que fazemos em relação a *Friends* é a história de Sandy, onde, apesar do choque de Ross, a série defende abertamente essa sensibilidade como algo normal, tanto que, ao final do episódio, vemos Ross chorando nos braços do babá.

Diferentes níveis de homofobia: Percebemos como *Friends*, em seu início, confirma um padrão das primeiras aparições de personagens homossexuais, que é o de se tratar de mulheres homossexuais e não vemos homens, o que muda na sexta temporada, com a introdução do pai de Chandler. Uma pergunta que levantamos para ser melhor explorada é o motivo que leva a homofobia ser mais intensa contra homens do que contra mulheres, assim como mostrado por alguns dos autores trabalhados. Levantamos a hipótese de que talvez ocorra porque o homem patriarcal deixa de vê-lo como igual e passa a menosprezá-lo, pois ele estaria realizando uma quebra em sua masculinidade. Podemos também considerar que o preconceito contra a mulher lésbica trata-se de ela querer assumir um papel acima do seu. Em ambos os casos, trata-se de uma tentativa de romper o papel dado pela sociedade no nascimento. Em relação à escrita, podemos considerar que os criadores de *Friends* utilizam de uma fantasia masculina, de duas mulheres juntas, como uma oportunidade para pautar a diversidade sexual em uma época onde se tem pouca abertura para isso.

Diversidade na diversidade sexual: Percebemos como nos anos de 1990, ainda não se vê uma clareza sobre o público LGBTQI+, tanto que o pai de Chandler se trata de uma mulher transexual, mas o seriado a retrata como um homem gay na maior parte do tempo, se tendo poucos momentos onde se é utilizado o pronome feminino para ela. Enquanto isso, no presente, a diversidade é mostrada de forma mais clara, diferenciando o homossexual do bissexual, por exemplo.

Transformações no próprio seriado: Vemos como, em *Friends*, a abertura para certos assuntos cresce ao decorrer das temporadas, como, por exemplo, permite-se trazer uma drag queen que, na verdade, se trata de uma transexual; também permite-se mostrar mais cenas de sensibilidade masculina de forma mais aberta do que nas primeiras temporadas, enquanto que, em *Brooklyn Nine-Nine*, apesar de existir uma abertura maior para se falar destes tópicos, também houve uma menor mudança na abertura ao decorrer da série e com isso podemos considerar os anos de 1990 como um ano de início de mudança de pensamento, onde o seriado *Friends* nos mostra isso ocorrendo. Consideramos esta década como uma retomada daquilo que vemos presente nas primeiras décadas do século XX, onde temos um beijo entre dois homens no cinema. Nessa retomada ainda não vemos muitos beijos *gays* sem ser em tom cômico, porém, vemos o início de algo que tem seguimento. Como dito por Foucault (1999), nem sempre o futuro é mais progressista do que o passado, porém, o que

acontece para isso é um rompimento, assim como o fascismo rompe com os avanços dos anos de 1920 e a era vitoriana interrompe uma evolução em relação ao século anterior. Por haver uma evolução entre 1990 e 2022, podemos considerar não ter havido até o momento este rompimento que impedisse que as pautas tratadas neste trabalho seguissem em constante crescimento.

Estereótipos: Percebemos, em *Friends*, a presença de estereótipos, como no caso do pai de Chandler, ou dos homens que escolhem esconder seus sentimentos. Isso não significa que a série não questione, porém, sua forma de questionar é a de usar o humor para expor esses estereótipos e por muitas vezes os mostrar de forma maximizada, tornando cômico. Enquanto isso, em *Brooklyn Nine-Nine*, acontece o inverso, sendo todos os personagens o inverso de seu estereótipo, desde o capitão Holt que, em nenhuma de suas características, carrega o estereótipo do homem homossexual, passando por Terry, um homem musculoso, porém, extremamente sensível, sendo o mais sensível dos homens da série e com isso fugindo do estereótipo do homem bruto. Por mais que as características sensíveis de Jake não sejam igualmente marcantes, percebemos como ele carrega uma alta segurança de sua masculinidade, a ponto de não ter problema em comentar sobre o beijo em seu capitão e possuir uma visão onde não necessita estar em uma posição de autoridade em relação a sua namorada e posteriormente esposa.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, H. *A family is what you make it? Legal recognition and regulation of multiple parents.*

Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2925886

Acessado em: 01/12/2021 às 11:42

BYINGTON, C. *A alma masculina e a função estruturante da sensibilidade: Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana.* São Paulo, v. 37, jul/dez 2019.

Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252019000200007

Acessado em: 23/07/2021 às 18:46

CONNELL, W. *Masculinities.* Berkeley e Los Angeles. University of California Press: 2005.

CORREIA, L. *Emancipação feminina na sociedade contemporânea: reflexões sobre o papel formativo da mulher na família.* Goiânia, 2019.

Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9454>; Acessado em: 27/07/2021 às 20:24

DANKO, M. *40 facts about Friends*

Disponível em:

<https://www.mentalfloss.com/article/56565/25-things-you-might-not-know-about-friends>

Acessado em: 15/11/2021 às 21:47

DIREITOFAMILIAR. *Multiparentalidade: entenda esse novo conceito*

Disponível em:

<https://direitofamiliar.jusbrasil.com.br/artigos/586143479/multiparentalidade-entenda-esse-novo-conceito>

Acessado em: 20/11/2021 às 15:20

FERRÃO, E; CARVALHO, L; COACCI, T. *Psicologia, gênero e diversidade sexual: Saberes em diálogo.* Belo Horizonte: Conselho Regional de Psicologia, 2019.

FONSECA JÚNIOR, W. Análise de conteúdo. In: BARROS, A; DUARTE, J. (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.* São Paulo: Atlas, 2010.

FRANKENTAL, R. *A publicidade de cerveja no Brasil - O que está mudando?*

Disponível em:

<https://mindminers.com/blog/comerciais-e-publicidade-de-cerveja/>; Acessado em: 27/08/2021 às 21:16

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade 2: O uso dos prazeres.* Rio de Janeiro: Graal, 1998. Ed. 8

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade.* Rio de Janeiro: Graal, 1999. Ed.13

Fitzsimons, T. *Lesbians more accepted than gay men around the world, study finds*
Disponível em:
<https://www.nbcnews.com/feature/nbc-out/lesbians-more-accepted-gay-men-around-world-study-finds-n1118121>; Acessado em 04/03/2022 às 16:16

FULLER, N. *Identidades masculinas: Varones de clase media en el Perú..* Lima: Fondo editorial de la pontificia universidad de Perú, 1997.

GAUCHAZH. *Mundo LGBTQ+ está cada vez mais presente na TV, mas ainda com tabus.*
Disponível em:
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/amp/2019/06/mundo-lgbt-esta-cada-vez-mais-presente-na-tv-mas-ainda-com-tabus-cjxewy4ni02y601p4w4dbrx5w.html>; Acessado em: 25/08/2021

GOMES, A. *A constituição da mulher no seriado The good wife - dialogia no seriado e na fanfic.* São Carlos, 2015.

Disponível em:
<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8597/DissALCG.pdf?sequence=1&isAllowed=y>; Acessado em: 28/08/2021 às 22:41

HISTORY. *Filme e o vento levou conquista oito estatuetas do Oscar*

Disponível em:
<https://history.uol.com.br/hoy-en-la-historia/filme-e-o-vento-levou-conquista-oito-estatuetas-do-oscar-0>
Acessado em: 10/08/2021 às 21:37

KITE, M e WHITLEY JUNIOR. *Sex differences in attitudes toward homosexual persons, behaviors and civil rights.* Ball state, 1996.

Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/247746366_Sex_Differences_in_Attitudes_Toward_Homosexual_Persons_Behaviors_and_Civil_Rights_A_Meta-Analysis
Acessado em: 04/03/2022

LEANDRO, M. *Transformações da família na sociedade do ocidente.* p.(51 a 74)

Disponível em:
https://core.ac.uk/display/70682503?utm_source=pdf&utm_medium=banner&utm_campaign=pdf-decoration-v1; Acessado em: 20/05/2021 às 20:26

LIMA, S. *A Emancipação através do Trabalho: protagonistas femininas na ficção de Anne Brontë.* Lisboa, 2017.

Disponível em:
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32657/1/ulfl242724_tm.pdf
Acessado em: 23/08/2021 às 21:43

MARSHALL, L. *"I'll be there for you" if you are just like me: An analysis of hegemonic social structures in Friends.* Bowling Green, 2007.

Disponível em:
https://scholarworks.bgsu.edu/media_comm_diss/86/; Acessado em: 29/08/2021 às 16:30

MIAO, M. *Why you should binge watch Brooklyn Nine-Nine this weekend.*

Disponível em:

<https://www.arc.unsw.edu.au/blitz/read/why-you-should-binge-watch-brooklyn-nine-nine-this-weekend>

Acessado em: 16/11/2021 às 18:16

MINHASERIEFAVORITA. *Sitcom, seriado e série. Qual a diferença?*

Disponível em:

<https://minhaseriefavorita.com/2019/06/01/sitcom-seriado-serie-diferenca/>; Acessado em: 21/08/2021 às 14:57

MORRIS, W. *“Friends” is turning 25. Here's why we can't stop watching it.*

Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/09/05/arts/television/friends-tv-show.html>

Acessado em: 15/11/2021 às 21:45

PAIANO, D. *O direito de filiação nas famílias contemporâneas*

Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2131/tde-29072016-174709/pt-br.php>

Acessado em: 01/12/2021 às 11:07

PARISE, G. *A lição de representatividade deixada por The Fosters.*

Disponível em:

<https://www.omelete.com.br/series-tv/a-licao-de-representatividade-deixada-por-the-fosters>

Acessado em: 19/08/2021 às 22:08

PINTO, C. *Feminismo, história e poder. Dossiê teoria feminista*. Revista de sociologia e política V 18, Nº 36: 15-23 JUN. 2010. p. (15 a 22)

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/>; Acessado em: 23/08/2021 às 19:00

PINTO, D. *Diversidade familiar em contexto educativo*. Coimbra, 2018.

Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/24052>; Acessado em: 24/08/2021 às 20:52

POESEL, M. *Media, society, culture and you: An introductory Mass communication text.*

Disponível em: <https://press.rebus.community/mscy/>; Acessado em: 15/06/2021 às 18:45

RIPPON, G. *How “neurosexism” is holding back gender equality - and science itself*

Disponível

em:

<https://theconversation.com/how-neurosexism-is-holding-back-gender-equality-and-science-itself-67597>

Acessado em: 09/12/2021 às 15:03

RUSSELL, C *Looking back at cinema's first-ever gay kiss with the 1927 film 'Wings'.*

Disponível em: <https://faroutmagazine.co.uk/first-ever-gay-kiss-1927-film-wings/>

Acessado em: 15/01/2022 às 00:35

SAMPAIO, R. *Sex education/a importância da representatividade de diferentes masculinidades.*

Disponível em:

<https://www.psicologiaemseries.com.br/post/sex-education-a-import%C3%A2ncia-da-representatividade-de-diferentes-masculinidades>; Acessado em: 20/08/2021 às 20:13

SANTOS, C. *Cinco séries que trazem um novo olhar sobre o conceito de masculinidade*, 2018

Disponível em:

<https://www.metroworldnews.com.br/entretenimento/2018/07/16/cinco-series-que-trazem-um-novo-olhar-sobre-o-conceito-de-masculinidade.html?outputType=amp>; Acessado em: 20/08/2021 às 19:40

STUMPF, I. In BARROS, A.; DUARTE, J (org). Pesquisa bibliográfica. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo. Atlas: 2010.

TEIXEIRA, I. *Representação feminina de gênero no sitcom Friends*.

VICENTE, D. D e SOUZA, L. *Razão e sensibilidade: ambigüidades e transformações no modelo hegemônico de masculinidade*. Rio de Janeiro, Arq. bras. psicol. v.58 n.1, 2006.

VIEIRA, A e DEBORA. Brooklyn Nine-Nine, comédia em sua melhor forma

Disponível em: <https://valkirias.com.br/brooklyn-nine-nine/>

Acessado em: 16/11/2021 às 17:232

VENTURIM e LONGHITANO In CARVALHO, L e BORTOLOZZI, A (org). Brooklyn NINE-NINE: Discussões sobre a bissexualidade de Rosa Diaz. *Leituras sobre a sexualidade em filmes: Identidades dissidentes e opressões*. São Carlos. Pedro e João editores: 2020.

WAGNER, A, TRONC, C e ARMANI, B, A. In WAGNER, A (org). Os desafios da família contemporânea: Revisitando conceitos. *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões*. Porto Alegre. Artmed: 2011.

Wazlawick, A. *As diferentes configurações familiares: desafios para a convivência e a educação*.

Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/6132>

Acessado em: 20/11/2021 às 00:24

WALSH, F. *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. Porto Alegre e São Paulo. Artmed: 2016.